

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

**Pedro Roberto Ferreira Junior**

**COMUNICAÇÃO E TRABALHO:**  
**A ressignificação dos vínculos sociais e dos sentidos do trabalho  
na contemporaneidade**

**São Paulo  
2010**

**Pedro Roberto Ferreira Junior**

**COMUNICAÇÃO E TRABALHO:**  
**A resignificação dos vínculos sociais e dos sentidos do trabalho**  
**na contemporaneidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Linha de Pesquisa Práticas de Cultura Audiovisual, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Wilton de Sousa.

**São Paulo**  
**2010**

Banca Examinadora

---

---

---

*em memória de  
meu avô*

Agradeço a todos que foram fundamentais para a realização deste estudo. Em especial ao amigo Anderson Mafra e meu irmão Renato, ao contribuírem para a realização da pesquisa empírica.

A minha esposa e companheira, Patricia que, além de ajudar na realização da pesquisa empírica, me apoiou com seu amor incondicional durante todo o período de estudos e contribuiu com suas impressões para o desenvolvimento deste estudo. Aos meus pais, Pedro Roberto e Maria Helena, meus alicerces e exemplos de vida.

Sou grato também ao fato de ser orientado pelo amigo Mauro Wilton e de ter o privilégio de compartilhar de sua sapiência, imprescindível para efetividade deste estudo. Muito obrigado a todos!

## **Resumo**

O presente estudo procura sistematizar literatura, dados e informações sobre o processo da comunicação no contexto da sociedade contemporânea em mutação e relacioná-lo com as indicações que apontam as mudanças no sentido do trabalho na organização da vida atual. Assume-se aqui a hipótese de que o processo comunicacional contemporâneo reflete hoje mudanças de valores que se dão na crescente retomada da centralidade da vida humana, ao mesmo tempo em que deslocam e rearticulam os sentidos de compreensão do trabalho.

**Palavras-chave:** Comunicação; Trabalho; Vínculo social; Condição humana; Pós-Modernidade

## **Abstract**

This study aims at reviewing the literature, data and information on communication process in the context of contemporary society in transformation and relates it to indications that point towards changes in the meaning of work in the organization of current life. It is assumed here the hypothesis that contemporary communication process reflects modifications in values that happen in the human life centrality increase, while moves and readjusts the meanings of work understanding.

**Keywords:** Communication, Work, Social Bonding, Human condition, Post Modernity

## Sumário

Introdução \_\_\_\_\_ p.09

A (perda da) Centralidade da Vida Humana \_\_\_\_\_ p.19

A Vida Humana em busca da Centralidade \_\_\_\_\_ p. 37

Temporalidades em mutação: a liquidez dos vínculos sociais \_\_\_\_\_ p. 51

Considerações finais \_\_\_\_\_ p.72

### Referências

**Bibliográficas** \_\_\_\_\_ p.76

**Jornalísticas** \_\_\_\_\_ p.79

**Internet** \_\_\_\_\_ p. 81

**Filmes** \_\_\_\_\_ p.81

### Anexo

**I – Questionário aplicado no estudo exploratório** \_\_\_\_\_ p. 82



## Introdução

Abril de 2010. Dezenas de pessoas formam fila em plena Quinta Avenida, em Nova York. Passadas 48 horas eram centenas na calçada da mais famosa rua da principal cidade dos Estados Unidos. O fato poderia perfeitamente passar despercebido em um sábado de primavera de uma megalópole como Nova York se as mesmas filas não estivessem se repetindo em outras tantas cidades norte-americanas como Washington, Boston, San Francisco, Los Angeles... Independente da localidade, todos tinham um objetivo em comum: serem os primeiros do mundo a adquirirem o iPad, um computador – ou tablet, como prefere a mídia especializada – com dimensões pouco menores que um papel tamanho carta, tela sensível ao toque e 680 gramas de peso.

O lançamento do produto da empresa Apple se tornou tamanha sensação que meses antes de chegar às lojas norte-americanas – depois de oito semanas de atraso – o iPad já era notícia nos principais veículos de informação. O sucesso se comprovou com outros tantos milhares de pedidos feitos antecipadamente pelo site da empresa – que, segundo estimativas, gerariam um faturamento de até US\$ 7 milhões ao final de 2010<sup>1</sup>.

O iPad, desenvolvido para ser uma plataforma portátil de navegação na web, para assistir a filmes, ler livros, entre outras usabilidades, teria o mesmo sucesso que conquistou nos Estados Unidos, 55 dias depois, quando milhares de alemães, australianos, britânicos, canadenses, espanhóis, franceses, italianos, japoneses e suíços formaram as mesmas filas, em frente às lojas da Apple, para adquirirem o tablet. “Eu queria tocá-lo o mais rapidamente possível. Senti uma emoção real quando o tive finalmente em minhas mãos”, afirmou Takechiyo Yamanaka, uma jovem de 19 anos que estava acampada há dois dias em frente à loja da Apple, em Tóquio<sup>2</sup>.

O lançamento do tablet obteve tanto sucesso que pouco tempo depois outros segmentos de mercado aproveitaram-se do novo produto para também capitalizarem em cima dele. Uma confecção australiana, por exemplo, lançou a iClothing (iRoupa, numa tradução livre do inglês), uma coleção composta por camisetas e vestidos desenhados com um

---

<sup>1</sup>REUTERS. A manhã em que o iPad estreou. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/a-manha-em-que-o-ipad-estreu-03042010-6.shl?2>>. Acesso em 01.jun.2010.

<sup>2</sup>KUBO, Nobuhiro; HACK, Jens. Fãs fazem fila para comprar iPad em seu lançamento internacional. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/742183-fas-fazem-fila-para-comprar-ipad-em-seu-lancamento-internacional.shtml>>. Acesso em 30.mai.2010.

compartimento específico na altura do peito, para que os donos dos iPads pudessem transportá-los de forma prática em seu dia a dia<sup>3</sup>.

Fatos como os apresentados tornam-se intrigantes se forem analisados sob o contexto da sociedade contemporânea de consumo (BAUDRILARD, 1995), na qual se poderia identificar os valores motivadores capazes de explicar o afã de milhares de pessoas iniciarem essa corrida às lojas da Apple para adquirirem um produto capaz de oferecer possibilidades múltiplas de interação e comunicação. Contudo, mais que uma motivação de saciedade de um desejo consumista, essas pessoas estivessem em busca de outros motivadores, advindos de valores contemporâneos, que instigassem a busca pelo ‘manter-se conectado’, ‘sentir-se parte’ ou, simplesmente, pela diferenciação dentro um mundo globalizado.

Essa análise crítica sobre os fatos cotidianos do início da segunda década do século XXI parece tomar corpo no artigo “Gênio, sim. Do Mal? <sup>4</sup>”, postado no “link” – blog do jornal “O Estado de São Paulo” para o tema tecnologia –, em virtude do lançamento do iPad. Nele é apresentado o perfil de Steve Jobs, fundador da Apple. Durante o texto, Jobs é citado como um visionário, porém de conduta questionável. As principais indagações estão no modo como ele conduziu sua empresa, uma marca forte e capaz de reunir muitos adeptos aos seus produtos. Talvez, por isso, o artigo, além de ter um título provocativo, comece o primeiro parágrafo com a afirmação de que “talvez não exista no mundo outra empresa (...), cujo fundador, dite não só o que compramos – mas como vivemos”. Vale resgatar que fenômeno semelhante ao iPad já havia acontecido com a própria Apple, em junho de 2007, quando milhares de pessoas se aglomeraram em frente as suas lojas para comprarem a primeira versão do iPhone, então uma nova interface de interação para a telefonia celular.

Nesse mesmo artigo do Estado de São Paulo, há uma menção ao discurso proferido por Jobs, em 2005, quando foi convidado para ser o orador dos formandos da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Na oportunidade, falou sobre particularidades de sua vida pessoal ao mencionar passagens de seu tempo de criança. Ele narrou que fora colocado para a adoção por sua mãe biológica, por ela acreditar que ele teria melhor sorte ao lado de pais com formação acadêmica, e ainda se reportou a uma doença crônica que quase lhe tirou a vida, um câncer raro no pâncreas. A partir desse preâmbulo, Jobs, um norte-americano, à época com 50 anos, fez uma profecia aos estudantes que o escutavam:

---

<sup>3</sup>GEEK. Empresa australiana cria roupas para usar iPad. Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI4455181-EI12882,00-Empresa+australiana+cria+roupas+para+usar+com+iPad.html>>. Acesso em 30.mai.2010.

<sup>4</sup>DA REDAÇÃO. Gênio, sim. Do Mal? Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/genio-sim-do-mal/>>. Acesso em 30.mai.2010.

O tempo é limitado, não o desperdice vivendo a vida alheia, não se deixe limitar por dogmas que são resultado do pensamento de outros. Não deixe que o barulho das vozes de outros sufoque sua voz interna. Siga seu coração e sua intuição, eles sabem o que você realmente quer ser<sup>5</sup>.

A fala do filósofo do século XXI – como Jobs é denominado em referido artigo – poderia deixar o discípulo mais fanático do modelo racional cartesiano contrariado pelo fato dele conclamar jovens recém-formados a ouvirem seus corações e a agirem de acordo com suas intuições. Essa afirmação, mais que um valor de vida pessoal, devido ao seu ‘renascimento’ após o câncer curado, pode também expressar um valor mais amplo, presente no contexto da vida social contemporânea.

Jobs torna-se um personagem ainda mais emblemático se “conectarmos os pontos” – como ele mesmo sugere em seu discurso aos estudantes de Stanford – e ter-se em mente que ele é, se não a maior, uma das principais referências nas possibilidades que a tecnologia da comunicação oferece para que as pessoas da sociedade atual se mantenham conectadas, estejam em relação constante, independente do tempo e do espaço.

Interessante notar que essa busca pela conectividade, pelo estar-junto social, teria sido amplificada pelos avanços tecnológicos, que permitiriam a transformação do papel do receptor tradicional – um ser passivo, que recebia a mensagem de veículos de massa, de forma unidirecional e sem alternativas de respondê-la – para um receptor co-participativo, que também se coloca como co-produtor dos conteúdos, como um sujeito capaz de compartilhar conhecimentos por meio das mídias digitais que se apresentam – o iPad, por exemplo, seria uma dessas últimas expressões das possibilidades ofertadas na contemporaneidade.

Essa contextualização histórica do reposicionamento de valores, presente nas afirmações de Jobs, não é uma questão apenas acadêmica; ela também compõe o cenário político e contemporâneo. Em maio de 2010, por exemplo, um grupo de ONGs (Organizações Não Governamentais) iniciou o Movimento +Feliz ao participar de uma audiência pública que discutiu a “inclusão da felicidade” na Constituição Federal. O movimento tinha o objetivo de alterar o artigo 6º da Carta Magna do Brasil, que trata dos direitos sociais, para a seguinte redação: “São direitos sociais, essenciais à busca da *felicidade* [o grifo é meu] a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a

---

<sup>5</sup>Steve Jobs em Stanford (parte 2). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=ksoo-G\\_YB2o](http://www.youtube.com/watch?v=ksoo-G_YB2o)>. Acesso em 30.mai.2010.

Previdência Social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição<sup>6</sup>.” Contudo, registros de um movimento pelo reconhecimento do bem-estar individual, dentro de um contexto governamental, já haviam surgido em outros países. Um exemplo é quando o rei do Butão, um pequeno país asiático do Himalaia, declarou, em 1972, que a “Felicidade Interna Bruta (FIB) era mais importante que o Produto Interno Bruto (PIB)<sup>7</sup>”. A partir daí surgiu a FIB como contraponto ao PIB como único indicador de desempenho dentro do sistema econômico capitalista.

Muitos teóricos apontam que essa busca valorativa da condição humana teria intensa participação dos processos comunicacionais advindos das muitas possibilidades tecnológicas e da sociedade do consumo urbano-industrial contemporâneo. Essa afirmação, entretanto, é complexa porque sugere uma determinação da tecnologia e da associação do seu discurso social mais amplo ao próprio processo da comunicação.

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive a criatividade e a iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo (CASTELLS, 2003, p.43).

De fato, “esse complexo padrão interativo” se manifesta de várias formas. Não só o mundo acadêmico, mas, também, dados e aspectos factuais corroboram o protagonismo da comunicação no contexto da sociedade atual. Em seu editorial “Espelho do Mundo”, em que o jornal Folha de São Paulo comenta sobre a mais recente atualização de seu projeto editorial, o antepenúltimo parágrafo é intrigante ao dimensionar como a expansão dos meios digitais atingiu diretamente as comunicações, acenando “com riscos e oportunidades, vantagens e perdas”. Entretanto, a disseminação das informações e o livre acesso a elas podem ser saudados como avanço democrático e, principalmente, uma conquista cultural da humanidade. Ainda mais instigante fica o texto quando ele se aprofunda nas características sociais: “(...) configura-se uma sociedade cada vez mais atomizada, dispersa por uma infinidade de interesses particulares que se reúnem, de forma passageira, nas unanimidades fugazes geradas pela própria mídia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010, A2).

---

<sup>6</sup>JUSTUS, Paulo. Constituição pode incluir o direito de ser feliz. Brasil Econômico, São Paulo, 29.mai.2010, Brasil, p.12.

<sup>7</sup>Site Felicidade Interna Bruta. Disponível em: <[www.felicidadeinternabruta.org.br](http://www.felicidadeinternabruta.org.br)>. Acesso em 01.jun.2010.

Tem-se, pois, que os processos comunicacionais se tornaram, com seus suportes e dispositivos técnicos, essenciais para o desenvolvimento humano. Desde o mais simples ato de transmissão de uma mensagem até a possibilidade de ler um livro por meio do iPad, por exemplo; independente da forma, o processo comunicacional apresentou-se como fator preponderante de alteridade.

Essa necessidade do outro como condição de existência do eu, uma dualidade que marca a comunicação humana, é corroborada por pensadores como Hannah Arendt (2009, p.348), que baseia sua teoria da condição humana na coexistência entre os indivíduos, na possibilidade de uma relação política entre eles, capaz de fazê-los alcançar a plenitude de sua condição. “A pluralidade exige um estar sempre ligado aos outros, pois se podemos pensar por conta própria, só podemos agir em conjunto”.

Esse contexto valorativo, apontado por Jobs em seu discurso aos estudantes norte-americanos, envolvendo o processo comunicacional e sua decorrente relação com a tecnologia, tem ainda outros possíveis desdobramentos no âmbito da sociedade mais ampla, é aqui entendido como indicativo de mudança valorativa. Esta afirmação encontra em Sousa corroboração e amplificação das características que trazem para a sociedade atual:

As tecnologias hoje entram em um círculo de vida que passam a existir muito menos para o amanhã e muito mais para o hoje. (...) O princípio da Pós-Modernidade é exatamente a mudança do tempo: ao invés do tempo linear, entra-se no tempo individual. (2003A, p. 20)

Assim como os processos comunicacionais, outro campo da vida humana se apresenta como preponderante para a condição da sociedade contemporânea: o mundo do trabalho. Desde os primeiros instrumentos rudimentares para caça e pesca na pré-história, passando pela descoberta de máquinas que multiplicavam a força humana, até a chegada do computador – capaz de otimizar e qualificar as atribuições cotidianas –, os indivíduos foram diretamente impactados pelas mediações da técnica em sua sociabilização.

Essa preponderância ficou ainda mais evidente a partir do século XVIII, com o advento da industrialização. Marx (1968), por exemplo, foi enfático ao afirmar que “o trabalho não só produziria mercadorias como, também, o próprio trabalhador”. Por sua vez, em seus estudos, Arendt (2009, p.12) confirma que a “era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária”. Assim, a racionalização econômica advinda do trabalho, dentro do

modelo capitalista industrial, não consistiu simplesmente em tornar mais metódica e melhor adaptada seus objetivos às atividades produtivas já existentes. Foi uma revolução, uma subversão do modo de vida, dos valores, das relações sociais e das relações com a natureza.

A atividade produtiva desfez-se de seu sentido original, de suas motivações e de seu objeto para tornar-se meio de ganhar salário. “A satisfação em fazer uma obra comum e o prazer de fazer foram suprimidos em nome das satisfações que só o dinheiro pode comprar” (GORZ, 2007, p. 30). Surge, então, o trabalhador-consumidor: isto é, o indivíduo para qual a finalidade essencial do trabalho é ganhar o suficiente para comprar as mercadorias produzidas e definidas pela máquina social em seu conjunto.

Neste mesmo período de desenvolvimento do capitalismo industrial, no contexto do mundo do trabalho, a automação industrial caracterizou os empregados das fábricas como indivíduos, segundo denunciou Maria Lourdes Manzine-Covre (2005, p.162). Para a autora, os “indivíduos são levados pela vida, pela sociedade: são seres passivos”. Já os sujeitos lidam e cuidam da sua existência, são seres ativos: “O sujeito se forma a partir da capacidade de auto-reflexão sobre si própria, de reflexão contínua sobre as próprias experiências”.

Essas afirmações se reportam a um questionamento crescente na atualidade sobre o sentido do trabalho no contexto da sociedade contemporânea. Em um comparativo entre duas notícias veiculadas pela mídia impressa, o enfoque dado às relações de trabalho, entre os empregadores e empregados, parecem ter tomado diferentes patamares de discussão – e isso em pouco mais de 50 anos. Por exemplo, quando o Brasil era governado por Getúlio Vargas – as regras trabalhistas no país já tinham quase uma década de consolidação –, o jornal Folha da Noite estampou a seguinte manchete em 30 de março de 1953: “142 indústrias de São Paulo estão paralisadas pela greve”<sup>8</sup>. Nesta reportagem, o diário paulista destacou que os marceneiros e carpinteiros haviam deixado seus postos de trabalho para se aliarem aos metalúrgicos para reivindicarem 60% de aumento salarial. Ainda segundo o referido artigo jornalístico, o sindicato dos metalúrgicos calculava a adesão de 100 mil pessoas à greve, após cinco dias de paralisações.

Mobilizações sociais como a exemplificada, com o objetivo de melhorar os vencimentos ao final do mês, tomam outras proporções e significados na sociedade contemporânea, principalmente no contexto privado das organizações brasileiras – reivindicações no setor público são mais comuns como, por exemplo, a paralisação das universidades públicas de São Paulo, no final do primeiro semestre de 2010; contudo, essas

---

<sup>8</sup>FOLHA DA NOITE. 142 Indústrias de São Paulo estão paralisadas pela greve. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_30mar1953.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_30mar1953.htm)>. Acesso em 23.mai.2010.

manifestações não chegaram às proporções numéricas como a relatada em 1953. As reivindicações atuais, apesar de sinalizarem um desejo coletivo, são feitas de forma individualizada e não só por questões salariais, mas também por condições de trabalho, por melhorias que proporcionem um maior bem-estar aos empregados.

A título de comparação, o jornal Folha de São Paulo, destacou em seu caderno de empregos, em 02 de fevereiro de 2010: “O lado B da geração Y<sup>9</sup>”; seguido pelo subtítulo: “Gestores começam a barrar jovens imediatistas e críticos demais”. A reportagem traz do mundo do trabalho a discussão sobre uma nova geração de trabalhadores que estaria questionando alguns ritos corporativos vigentes. Essa nova geração reivindicaria mais agilidade das organizações ao oferecer possibilidades de satisfação pessoal além do reconhecimento financeiro; a Geração Y prezaria pelas relações criadas a partir dos vínculos, da identificação com uma causa e não apenas pelos vínculos empregatícios definidos por lei. Especialistas em Recursos Humanos já estariam, inclusive, começando a identificar uma nova leva de trabalhadores, nascidos a partir de 1995, e que seriam denominados de Geração Z. Eles, por sua vez, teriam como principal característica a familiaridade com as tecnologias. “Eles são muito fragmentados, velozes na realização de processos e multitarefa por natureza, mas, em contrapartida, são muito dispersos<sup>10</sup>”.

Dados como estes poderiam corroborar que o sentido do trabalho ganhou novos contornos e novas perspectivas dentro do contexto da sociedade atual (BAUMAN, 2001). Os trabalhadores com características dessa sociedade em transição têm outras carências, outros objetivos que vão além do reconhecimento financeiro, responsável por proporcionar a ele e a sua família a supressão de necessidades básicas. As pessoas estariam agora à procura da satisfação pessoal, do bem-estar consigo próprio, também no ambiente em que exercem sua atividade profissional – o índice FIB estaria sendo requerido também dentro das organizações.

Reportando-se mais uma vez ao discurso proferido por Jobs no encontro com os estudantes de Stanford, o presidente da Apple foi enfático ao afirmar que o trabalho é uma

---

<sup>9</sup> Geração Y são consideradas as pessoas nascidas entre 1980 e 1990 que têm como características comuns o fato dos pais terem se dedicado por muito tempo à vida corporativa – abdicando do lado pessoal e, nem por isso, tendo reconhecimento –, presença da internet e da informática desde a infância ou adolescência, noção imediatista e acelerada do tempo, participação nas decisões familiares e contato com o consumismo desde criança (LOBATO, 2010). A Geração X, por sua vez, nascida entre os anos de 1960 e 1970, ficaram conhecidas pela sua independência de pensamento, favoráveis a mudança e enfatizadoras da família, de contestação do sistema vigente. Porém, hoje fazem parte normal deste sistema (ARMOUR, 2005).

<sup>10</sup> Nomura, Carolina. Conheça a Geração Z: ainda mais antenados que a Y, jovens têm dificuldade para achar o foco. Disponível em <<http://economia.ig.com.br/carreiras/conheca+a+geracao+z/n1237745110115.html>> Acesso em 11.ago.2010.

atividade que preenche muito tempo da vida das pessoas. E que a “única maneira de ser verdadeiramente satisfeito, seria fazer o que acredita ser um ótimo trabalho, e a única maneira de fazê-lo, é tendo amor pelo que se faz”<sup>11</sup>. A perspectiva dessa prática denunciaria outra valoração do sentido do trabalho, fazendo um contraponto com os tradicionais modelos vigentes e às percepções analíticas contemporâneas a respeito (MARX, 1968; ARENDT, 2009; GORZ, 2007; ANTUNES, 2008, 2009; SCHWARTZ&DURRIVE, 2007). Esse novo parâmetro acabaria por deslocar o mundo do trabalho como única fonte de identidade social e passaria a ser parte de um contexto mais amplo, em que as outras mediações se apresentariam como determinantes para a construção do sujeito da contemporaneidade.

Em se confirmando essa nova condição, o homem passaria então a modificar a percepção de si e do mundo, reconfigurando, inclusive, a percepção de trabalho vigente desde os primórdios do capitalismo industrial. Desta forma, as mutações do sentido do trabalho, no contexto da sociedade pós-industrial capitalista contemporânea, poderiam ser potencializadas pelas possibilidades comunicacionais advindas das novas tecnologias digitais, capazes de propiciar o desvencilhamento do tempo linear e de gerarem novos vínculos sociais, novas formas de relacionamento que questionariam os valores hegemônicos do estar-junto social. Em se confirmando essa hipótese, e sendo aqui assumida, poder-se-ia afirmar, portanto, que os sujeitos estariam se rearticulando em sentido diverso do *status quo* da racionalidade do sistema contemporâneo para se expressarem sobre um novo ideal de vida, na qual a realização do homem estaria em se tornar sujeito dentro do mundo do trabalho.

A metodologia para o desenvolvimento do presente estudo está apoiada, basicamente, na análise crítica da produção acadêmica a respeito. Assim, buscar-se-á compatibilizar reflexões no âmbito da Modernidade capitalista contemporânea, em especial quanto aos aportes conceituais sobre o sentido do trabalho, e o lugar valorativo das práticas de vida no âmbito da comunicação neste mesmo contexto. A identificação dos aspectos que sinalizam mudança valorativa, no que se refere a comunicação como processo social, tanto quanto aos sentidos sendo hoje atribuídos ao trabalho, dar-se-á na busca do próprio quadro da vida social, desde o que se denominou de Modernidade capitalista, e seu processo de atualização na contemporaneidade pós-industrial. Assim, é nessa contextualidade mais ampla que buscar-se-á identificar o quadro valorativo em mudança na sociedade atual e suas implicações, diversas e plurais, tanto no trabalho quanto na comunicação.

---

<sup>11</sup>Steve Jobs em Stanford (parte 1). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yplX3pYWlPo>>. Acesso em 30.mai.2010.



Esse desafio, de um trabalho interdisciplinar, será desenvolvido em três momentos: primeiro, a argumentação do tema proposto envolverá uma retomada da análise bibliográfica sobre aspectos do mundo do trabalho e o sentido que lhe foi atribuído desde a Revolução Industrial, do século XVIII, até a sua condição na contemporaneidade das organizações brasileiras. A visão marxista (MARX, 1968, 1993) sobre o tema será contraposta a outras teorias como a questão social arendtiana (ARENDDT, 2009) e a própria releitura da teoria crítica de Marx feita por Gorz (2007) e Antunes (2008, 2009), entre outros autores. Os estudos de Weber (2004), sobre a ética protestante e sua contribuição para a consolidação do capitalismo como sistema econômico hegemônico na sociedade contemporânea, serão também de grande valia para este trabalho. Toda essa análise da condição do histórico do trabalho estará principalmente concentrada no capítulo 2 desta dissertação.

A segunda frente teórica pautar-se-á na revisão bibliográfica dos estudiosos da sociedade contemporânea e o questionamento dos valores por quais ela estaria passando, tudo isso a partir da visão de protagonismo do processo comunicacional. Tomar-se-á como questão problematizadora, nesta análise, o tema retomado por Martín-Barbero (1990; 1995; 2007) quando, ao citar Habermas (1992), aponta que uma nova categoria para a análise de social não deveria ser mais pautada no trabalho, mas sim na comunicação. A partir desta constatação, será feita toda a argumentação com apoio de teóricos como Sodré (2001, 2002, 2007), Sousa (2003A, 2003B, 2006, 2008, 2009), Baccega (1995), Bakhtin (2002) e Miège (2009), entre outros.

Para se obter mais dados, nessa contextualização se fará necessário a análise da atualização da Modernidade capitalista e seus desdobramentos contemporâneos por meio de estudos sociológicos, como os realizados por Bauman (2001, 2003A, 2003B) que discorre sobre transformações humanas no novo contexto da “líquida sociedade moderna”, além das contribuições de Mafesolli (1987) e Lemos (2002). Para a abordagem da condição sociológica, sob o prisma das possibilidades comunicacionais propiciadas pela tecnologia, tomar-se-ão como pilares as abordagens realizadas por Castells (2003, 2010), Di Felice (2008) e, Parente (2004) e Vattimo (1992, 2008).

O quarto capítulo contextualiza a mutação das temporalidades e da liquidez dos vínculos sociais contemporâneos, sempre sobre o olhar da práxis comunicacional e como os sentidos do trabalho lidaram com essas modificações. Para tal, tomar-se-á como base as análises de dados secundários da realidade contemporânea brasileira, pautados em estudos divulgados pela Secom (Secretaria de Comunicação da Presidência da República) e pelo instituto de pesquisa Ibope, além de um estudo preliminar, com um pequeno espaço amostral,

realizado em abril de 2010, com profissionais de organizações brasileiras, todas sediadas em São Paulo, de três segmentos: industrial, serviços e varejo. O intuito desta análise é prover subsídios para a obtenção de um retrato da condição humana no contexto contemporâneo. Os dados empíricos são aqui apontados como referência complementar de apoio, não se constituindo como razão de ser da argumentação proposta, na sua característica de dissertação; deste modo, serão aqui identificados percentualmente para qualificação das respostas.

O quinto capítulo, por fim, tem o objetivo de alinhar e analisar as mediações e vínculos que se formaram durante as mutações desse processo cultural. Nesta argumentação final, ter-se-á o cuidado de entender as possíveis alterações no sentido do trabalho e as tendências de uma possível busca por uma nova centralidade humana em meio a uma práxis comunicacional renovada e mediadora das transformações culturais. Enfim, o subtítulo dado ao presente trabalho “A ressignificação dos vínculos sociais e dos sentidos do trabalho na contemporaneidade” pode bem indicar o desafio aqui proposto.

## A (perda da) Centralidade do Trabalho na Vida Humana

O início da segunda década do século XXI parece consolidar uma série de mutações que estariam ocorrendo no âmbito mais amplo da sociedade contemporânea. Transformações essas que permearam os mais diversos campos do conhecimento sejam eles culturais, políticos, tecnológicos ou mesmo econômico, mas que, definitivamente, trouxeram para a teia social novas práticas e novos comportamentos. Um novo modo de vida que estaria por determinar uma ressignificação do modelo pré-existente.

No cenário globalizado contemporâneo, essa ressignificação estaria, inclusive, afetando uma das máximas da sociedade capitalista: a centralidade do trabalho na vida humana. O tema se mostra atualizado não apenas pelas relações de trabalho, que vêm se modificando nos últimos três séculos – tomando-se como marco da sociedade capitalista a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII –, mas também pelas formas de sociabilização, a interação e repaginação dos vínculos sociais entre os indivíduos que compõem a sociedade contemporânea. As novas possibilidades comunicacionais, propiciadas pela evolução tecnológica deste período, estão contribuindo para um questionamento dos valores da Modernidade<sup>12</sup>, episteme na qual as organizações do mundo do trabalho ainda continuariam fortemente alicerçadas.

Segundo Gorz, o conceito que se tem de trabalho, como é conhecido na contemporaneidade, pode ser considerado uma invenção da Modernidade, uma vez que hoje ele é “realizado em sentido totalmente diverso que se empresta à noção de trabalho, fundamento da existência da sociedade, ao mesmo tempo sua essência e finalidade última”.

É pelo trabalho remunerado (mais particularmente, pelo trabalho assalariado) que pertencemos à esfera pública, adquirimos uma existência e uma identidade social (isto é, uma “profissão”), inserimo-nos em uma rede de relações e intercâmbios, onde a outros somos equiparados e sobre os quais

---

<sup>12</sup> A Modernidade é aqui entendida como a racionalidade que desde o século XIII e, especialmente, no advento dos séculos mais recentes assumiu a razão e técnica como pressupostos libertadores do homem e da sociedade (GIDDENS, 1999; KUMAR, 1997). Ainda que termos diversos como Pós-Modernidade, Sociedade Pós-Industrial, ou mesmo, Sociedade Contemporânea sejam aqui utilizados, reportam-se a discussões e prática sociais que desde os séculos mais recentes vêm identificando processos de mutação na Modernidade capitalista, especialmente, no âmbito dos valores culturais e de compreensão da vida, quando não questionando sua pertinência e atualidade de valores (HARVEY, 1989; LYON, 1998). Assim, Pós-Modernidade ou Sociedade Pós-Industrial é compreendida como o momento de questionamento da racionalidade do capitalismo industrial do século XVIII, em que todos os vínculos passam por uma inédita fluidez e flexibilidade (BAUMAN, 2003A). Essas questões serão aprofundadas no decorrer do presente trabalho.

vemos conferidos certos direitos, em troca de certos deveres. (GORZ, 2007, p. 21)

Interessante notar que o autor contemporâneo reconhece o trabalho como um “pertencer à esfera pública”, onde, por meio de uma atividade remunerada, o indivíduo seria reconhecido pela sua contribuição social e, sendo assim, teria a oportunidade de gozar de certos direitos e de criar redes, relacionamentos com os seus semelhantes. Esse “pertencimento público” ao qual Gorz se refere pode ser exemplificado numa situação corriqueira do cotidiano, por exemplo, muito encontrada no jornalismo. Um olhar um pouco mais atento perceberia que em uma reportagem, quando um personagem é citado, normalmente, ele é referenciado por duas informações básicas: nome e atividade profissional. Portanto, a partir desta frase isolada de Gorz, pode-se ter um indício de que o trabalho ainda se mantém como centralidade da vida humana na contemporaneidade. Para a comprovação da afirmação torna-se necessário um aprofundamento do tema centralidade do trabalho no contexto da sociedade contemporânea. Para tal, inicia-se este capítulo com uma breve contextualização histórica do período pré-capitalista afim de que se possa compreender a evolução da condição do trabalho no contexto da vida humana.

Na Grécia Antiga, o trabalho era visto como um fator de exclusão social. Renegado aos escravos e às mulheres, a atividade era considerada uma forma do indivíduo se sujeitar à necessidade, e só poderia aceitar isso aquele que preferisse a vida à liberdade, como os escravos, por exemplo. “O homem livre recusava submeter-se à necessidade; (...) os cidadãos plenos eram aqueles que se dedicavam à esfera pública, caso dos filósofos” (ibidem, p.22). Ainda segundo Gorz, a maior diferenciação entre esses dois momentos históricos é o caráter de cada um: enquanto na sociedade capitalista o trabalho se realizaria na esfera pública, no mundo antigo ele estaria confinado à esfera privada. Na Antiguidade, a idéia de liberdade, que era uma atribuição propriamente humana, só seria plenamente exercida além da necessidade.

O homem só surge como sujeito capaz de conduta moral a partir do momento em que, cessando de exprimir as necessidades imperiosas do corpo e sua dependência do meio em que vive, age apenas movido por sua soberana determinação. (ibidem, p.23)

A contextualização grega do trabalho é referenciada teoricamente na obra de Arendt (2009, p. 345) quando ela aborda a condição humana e suas três atividades fundamentais: labor, trabalho e ação. O labor, do grego *ponos*<sup>13</sup>, seria uma atividade biológica, que tem como função a manutenção e reprodução da vida – ela o qualifica como *animal laborans*. O trabalho, ao contrário do labor, não está necessariamente contido no repetitivo ciclo vital da espécie. É através dele que o *homo faber* cria coisas extraídas da natureza, convertendo o mundo num espaço de objetos partilhados pelo homem. Já a ação é a única atividade que se exerce diretamente entre homens. Corresponde à condição humana da pluralidade e liberdade, em que o seu instrumento é o discurso. Essas três distinções de Arendt serão aprofundadas mais adiante com o intuito de contribuir com este debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea.

O sentido do trabalho começa a esboçar sua primeira ressignificação a partir da tradição judaica, quando se apresentava como castigo, meio de expiação do pecado original, *labuta penosa* à qual o homem havia sido condenado. Nos primeiros tempos do cristianismo, o trabalho continuou a ser visto como punição, embora servindo à saúde do corpo e da alma. Na Idade Média, principalmente nos mosteiros, ele passa a ser encarado como uma benfeitoria que deveria ser feita para a satisfação das necessidades básicas da comunidade, porém, de forma que as orações se mantivessem como primordiais na rotina diária dos homens. (ALBORNOZ, 2009, p. 46-47).

Contudo, foi somente a partir dos avanços científico, político e econômico da sociedade renascentista, no século XV, que houve um novo pensar sobre a concepção de trabalho: ele deixaria de ser uma atividade de características servil e comunitária para se transformar na expressão da força do homem – essa época é marcada pelas grandes conquistas humanas, como quando alguns povos se lançam ao mar para a conquista de outros territórios e em que uma sociedade mercantilista começa a se formar a partir do comércio de especiarias advindas do Oriente. Esse período também é marcado pelo começo da urbanização das cidades européias.

Outro ponto preponderante para o trabalho consolidar-se como centralidade da vida humana foi a forte significação religiosa que passou a ter a partir da Reforma Protestante. Os preceitos do Luteranismo e do Calvinismo deram uma nova interpretação às crenças cristãs defendidas até então pela Igreja Católica. Para essa nova racionalidade religiosa, o trabalho

---

<sup>13</sup> “O grego não tem um termo que corresponda a “trabalho”. Uma palavra como *ponos* aplica-se a todas as atividades que exigem esforço penoso e não somente às tarefas produtivas com valores socialmente úteis” (VERNANT&VIDAL-NAQUET, 1989, p.10).

passaria a ser visto como uma vocação divina. “A vocação é aquilo que o ser humano tem de aceitar como desígnio divino, ao qual tem de “se dobrar” – essa nuance eclipsa a outra idéia também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus” (WEBER, 2004, p.77).

Weber é muito assertivo ao narrar tal pujança que o protestantismo deu ao “espírito” do capitalismo ao promover a vocação profissional como uma dádiva capaz de dignificar o homem e credenciá-lo ao Reino dos Céus. Em uma passagem de seu clássico “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, ele apresenta sete mandamentos – se assim pode-se denominar –, com o objetivo de tornar mais claro como esse olhar protestante foi fundamental para a centralidade que o trabalho passa a ter na vida humana dentro da Modernidade e como ele foi determinante em sua contribuição para o sucesso da Revolução Industrial em vias de se concretizar:

- Lembra-te que tempo é dinheiro – aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia (...), mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizará só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora cinco xilins a mais.
- Lembra-te crédito é dinheiro. Se alguém me deixa ficar com seu dinheiro depois da data do vencimento, está me entregando os juros ou tudo quanto nesse intervalo de tempo ele tiver rendido para mim. Isso atinge uma soma considerável se a pessoa tem bom crédito e dele faz bom uso.
- Lembra-te que dinheiro é procriador por natureza e fértil. O dinheiro pode gerar dinheiro, e seus rebentos podem gerar ainda mais, e assim por diante.
- Lembra-te que – como diz o ditado – um bom pagador é senhor da bolsa alheia. Quem é conhecido por pagar pontualmente na data combinada pode a qualquer momento pedir emprestado todo o dinheiro que seus amigos gastam.
- As mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas. As pancadas de teu martelo que teu credor escuta às cinco da manhã ou às oito da noite o deixam seis meses sossegado; mas se te vê à mesa de bilhar ou escuta tua voz numa taberna quando devias estar a trabalhar, no dia seguinte vai reclamar-te o reembolso e exigir o seu dinheiro antes que o tenhas à disposição, duma vez só.
- Guarda-te de pensar que tudo o que possuis é de propriedade tua e de viver como se fosse. Nessa ilusão incorre muita gente que tem crédito. Pra te precaveres disso, mantém uma contabilidade exata de tuas despesas e

receitas. Se te deres penas de atentar para os detalhes, isso terá o seguinte efeito benéfico: descobrirás como pequenas despesas se avolumam em grandes quantias e discernirás o que poderia ter sido poupado e o que poderá sê-lo no futuro.

- Por seis libras por ano podes fazer uso de cem libras, contanto que sejas reconhecido como um homem prudente e honesto. Quem esbanja um groat (quatro pence) por dia esbanja seis libras por ano, que é o preço para o uso de cem libras. Quem perde a cada dia um bocado de seu tempo no valor de quatro pence perde, dia após dia, o privilégio de utilizar cem libras por ano. (...) Quem perde cinco xelins não perde só essa quantia, mas tido o que com ela poderia ganhar aplicando-a em negócios – o que, ao atingir o jovem uma certa idade, daria uma soma bem considerável. (ibidem, p.43-44)

Essa passagem é muito relevante não apenas pelo esclarecimento da força com qual a Reforma Protestante se apropriou do trabalho como forma de ofertar a “recompensa divina”, mas por evidenciar os valores da linearidade do tempo e do adiamento do prazer, que se tornariam um dos principais alicerces da sociedade capitalista industrial moderna que estava em formação: o reforço da labuta diária foi corroborado pela importância de poupar e não esbanjar seus dividendos, pois só assim o indivíduo encontraria a recompensa futura.

Com este pano de fundo de valorização do trabalho como expressão da força do homem e condição para a recompensa divina, o capitalismo industrial encontrou campo fértil para dar um novo ritmo à vida humana. Não só pelo fato de proporcionar uma nova experiência nas relações de trabalho, afinal os homens passavam a ter que cumprir jornadas de trabalho determinadas, dentro de um ambiente fabril e lidar com máquinas dentro um cronograma rígido de funções específicas de um processo produtivo. Essa nova condição passava a exercer uma forte dominação sobre o indivíduo, fazendo dele um instrumento para a manutenção e desenvolvimento do capitalismo industrial. O homem se tornava uma “engrenagem da máquina”, sentenciou Frederick Taylor (apud MORGAN, 1996), em sua teoria Científica da Administração.

O capital passou a ser privilegiado em detrimento do convívio social com os familiares, amigos e com o seu próprio eu – as relações de trabalho estariam subjugando as relações humanas, o “ter” passaria a ser a busca pelo qual a vida estaria pautada: trabalhava-se para ter uma casa, ter um carro, etc. Aliás, Taylor é um dos representantes mais significativos dos pensadores da pujante indústria capitalista moderna em formação. Ele contribuiu para o aumento do lucro dos industriais burgueses ao defender estruturas

produtivas capazes de otimizar o tempo da força de trabalho nas organizações. Para isso desenvolveu estratégias “à imagem das máquinas, para que os empregados se comportassem essencialmente como se fossem partes da máquina” (ibidem, p.22). Weber fez um paralelo entre a mecanização da indústria e a proliferação de formas burocráticas de organização.

No seu trabalho, descobre que a primeira definição compreensiva de burocracia caracteriza-se como uma forma de organização que enfatiza a precisão, a rapidez, a clareza, a regularidade, a confiabilidade e a eficiência, atingidas através da criação de uma divisão de tarefas fixas, supervisão hierárquica, regras detalhadas e regulamento. (ibidem, p.26)

Para Weber, o sistema capitalista tem como suporte a racionalidade da produção. Nesse âmbito, a burocracia era o sistema típico de dominação da racionalidade e da legalidade. Ela era o “tipo ideal”, que afasta da sociedade e das suas organizações o irracional. Desta maneira, a burocracia era assentada nos seguintes pontos:

- 1) pessoas livres, comprometidas com os direitos objetivos de seus cargos;
- 2) hierarquia administrativa restrita;
- 3) competências rigorosamente fixadas;
- 4) contrato a partir de uma seleção livre;
- 5) qualificação profissional demonstrada;
- 6) retribuição salarial fixa e permanente;
- 7) cargo exercido como função única e principal; carreira profissional definida;
- 9) separação dos meios pessoais e administrativos;
- 10) todos submetidos a uma rigorosa disciplina e a uma vigilância administrativa.

(NASSAR, 2005, p. 19)

A fascinação pela máquina e pela produção em alta escala fez de Taylor (MORGAN, 1996, p. 34) um obstinado pela burocratização da empresa. O norte-americano utilizou-se dela para propor o controle sobre a força de trabalho, dividindo-a em mãos e cérebro. “Não se espera que os homens pensem. Há outras pessoas por perto pagas para pensar”. Desta maneira, Taylor conseguiu um controle maior sobre cada parte do processo industrial. Ele diminuiu a dispersão durante o trabalho, deu tarefas específicas para cada trabalhador, minimizou as possibilidades de erro no processo e, conseqüentemente, aumentou a produtividade, o que resultaria em mais lucro.

Interessante atentar que este enfoque mecanicista da organização tendeu a limitar, em lugar de ativar, o desenvolvimento das capacidades humanas, modelando os trabalhadores



para servirem aos requisitos da organização mecanicista em lugar de construir a organização em torno dos seus pontos fortes e potenciais (ibidem, p. 41).

Jean-François Chanlat (1996, p.25-27) alertou que os indivíduos nas organizações foram considerados, “na maioria das vezes, apenas recursos, isto é, quantidades materiais cujo rendimento deve ser apenas satisfatório do mesmo modo que as ferramentas”. E completou: “pessoas empregadas nas organizações transformam-se em objetos”. A redução do indivíduo a um componente da máquina acabou formatando-o como um ser genérico, em que sua condição psicossocial não era levada em consideração e muito menos as suas conseqüências. “O ser humano é muito mais complexo para se deixar resumir em tal concepção”. Essa condição do homem acabou criando um desconforto para ele, já que as relações de trabalho impostas pela sociedade industrial acabaram tirando-o de seu convívio social.

Essa passagem de Chanlat traz mais uma vez à tona a discussão do indivíduo e sua relação social – como já apresentado por Gorz como condição para o sentido do trabalho na contemporaneidade e pelos gregos, quando acreditavam que a cidadania só seria realizada se estivessem livres das amarras da sujeição da necessidade. Outro ponto abordado por Chanlat é a redução da condição de ser genérico do indivíduo com o advento da máquina. Ambos os temas também são abordados na análise crítica marxista ao sistema capitalista.

Karl Marx (1993, p. 116) desenvolveu uma teoria socialista de contraposição aos preceitos do capital ao apontar que o modo de produção vigente determinou a maneira como a natureza humana foi controlada para a manutenção da condição da estrutura de classe dominante sobre o proletariado. “O sistema econômico atual reduz ao mesmo tempo o preço e a remuneração do trabalho, aperfeiçoa o trabalhador e degrada o homem”. Essa degradação do indivíduo estaria muito ligada à concepção de vida genérica. Nela, Marx afirmou que o trabalho é exterior ao homem, uma vez que não pertence a sua natureza. “A vida genérica (...) possui sua base física no fato de que o homem vive da natureza inorgânica, e uma vez que o homem é mais universal do que o animal, também mais universal é a esfera da natureza inorgânica de que ele vive” (ibidem, p.163).

Em Marx, o trabalho é o fator que faz a mediação entre o homem e a natureza. Os homens definem-se pelo que fazem, e a natureza dos indivíduos depende das condições materiais que determinam sua atividade produtiva. No processo do trabalho, participam o homem e a natureza; nele o homem inicia, controla e regula as relações materiais entre si e a natureza. “O trabalho é o esforço do homem para regular seu metabolismo com a natureza e assim, por meio do trabalho, o homem se transforma a si mesmo” (ALBORNOZ, 2009, p.47).

Essa constatação marxista vai de encontro ao pensamento de Arendt – e aqui, antes de retomar sua sistematização das três atividades humanas, vale entender como a autora compreende a condição humana.

Para Arendt (2009), a condição humana diz respeito às formas de vida que o homem impõe a si mesmo para sobreviver. São condições que tendem a suprir a sua própria existência. As condições também variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte. Nesse sentido, todos os homens são condicionados, até mesmo aqueles que condicionam o comportamento de outros se tornam condicionados pelo próprio movimento de condicionar. Desta forma, os indivíduos seriam condicionados pelos seus próprios atos, pensamentos e sentimentos e, ao mesmo tempo, pela contextualização histórica na qual estão inseridos, sua cultura e relacionamentos sociais.

O mudo do qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem (...), a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. (ibidem, p.17)

A *vita activa* para os gregos é ocupação, inquietude, desassossego – o homem só é capaz de tornar-se homem quando se distancia dela e se aproxima da vida reflexiva, contemplativa, como os filósofos gregos o fizeram. É partir desse conceito da Grécia Antiga que Arendt designa suas três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação.

A partir da concepção de condição humana, Arendt contraria Marx ao compreender que o trabalho não é intrínseco e nem constitutivo da espécie humana, em outras palavras, o trabalho não é a essência do homem. Segundo a autora, o trabalho é uma atividade que o homem impôs à sua própria espécie, ou seja, é o resultado de um processo cultural. Desta forma, o trabalho não seria ontológico como imaginado por Marx. Apesar da discordância da origem do trabalho para ambos, Marx e Arendt têm, a partir de conceitos teóricos distintos, a mesma opinião sobre a condição do trabalho na Modernidade capitalista. Ele teria subjugado o homem e o mantido longe das condições que almeja: ser um ‘ser social’ e ser ‘senhor de si’.

Marx (apud GURLEY, 1977, p.50-53) é muito claro nesse ponto quando aborda o tema em sua análise crítica e defende que o sistema capitalista vigente teria a propriedade de

negar ao indivíduo a compreensão e o controle do mundo que o cerca. “No sistema capitalista, os trabalhadores perdem o controle de seus produtos, produzem como autômatos dentro de um processo que não compreendem”. Marx (1993, p.162) também pontua que o capitalismo se apresenta de maneira deturpada, “aquilo que parece ser, em sua essência, é bastante diferente daquilo que a aparência deixa transparecer”. Estas distorções criariam ilusões quanto ao modo capitalista de produção, e as ilusões, por sua vez, seriam utilizadas pelos ideólogos burgueses para mistificar o funcionamento do sistema. Desta forma, o trabalho não seria algo voluntário, mas imposto. Ele não “constituiria a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades”.

É só na ação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico. (...) na medida em que o trabalho alienado subtrai ao homem o objeto da sua produção, furta-lhe igualmente a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico. (...) Encontrar-se alienado de sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra igualmente alienado da vida humana. (ibidem, p.166)

Marx (ibidem, p.159) alerta que o fato do indivíduo estar alienado dentro do processo industrial capitalista – “o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como um objeto estranho” – é mais um indício de que ele se distancia de sua característica natural, a de ser um ser social.

Mesmo quando eu sozinho desenvolvo uma atividade científica etc., uma atividade que raramente posso levar a cabo em direta associação com outros, sou social, porque é enquanto homem que realizo tal atividade – como também a própria linguagem que o pensador emprega – que me foi dado como produto social. A minha própria existência é atividade social. Por conseguinte, o que eu próprio produzo é para a sociedade que o produzo e com a consciência de agir como ser social. (MARX, ibidem, p. 95)

A defesa de Marx sobre existência humana ser a atividade social, encontra em Arendt consonância, porém, com argumentos diferentes para corroboração. Dentro do contexto cultural, e não apenas econômico como prevê a visão marxista, a autora se debruça sobre o seu terceiro estágio da condição humana: a ação. Ela defende que a pluralidade humana é a

condição fundamental para a realização desse estágio. “Se homens não fossem iguais eles seriam incapazes de se compreenderem e aos seus ancestrais, se não fossem diferentes, não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender” (ARENDRT, 2009, p. 188). Dessa forma, a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens.

A alteridade é, sem dúvida, aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra. (...) Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa. (ibidem, p.189)

A abordagem ergológica<sup>14</sup> tem um olhar interessante para a compreensão do trabalho como atividade humana e pode fornecer subsídios pertinentes na condução desta dissertação para a compreensão da relação do indivíduo com essa reconfiguração do mundo do trabalho na contemporaneidade. Os estudiosos dessa linha de pesquisa afirmam que o indivíduo tem a capacidade de criar, planejar, aprender, memorizar. “Trabalho é a criação fruto da relação do homem com o seu meio. É atividade” (FÍGARO, 2008, p.117).

Yves Schwartz e L. Durrive (2007, p. 68), uns dos principais expoentes dessa corrente de pensamento, explicam que a finalidade do trabalho é “exterior ao homem tomado enquanto indivíduo isolado: a atividade de trabalhar é, de imediato, social. Ela permite a cada um se produzir como ser social”. Essa abordagem permite retomar o conceito de trabalho em Marx porque remete à atividade humana, porém criativa – como a própria morfologia da palavra ergologia confirma: “*ergon*”, que no grego significa ação, criação, obra de arte. “Nesse sentido o trabalho é a criação do fruto da relação com seu meio”. Para Schwartz e Durrive é em Kant que se pode encontrar a aproximação do conceito de atividade tal qual ele é utilizado na ergologia, ou seja, “arte escondida no interior da alma humana” (ibidem, p.118).

O trabalho prescrito pelas normas antecedentes (...) e o trabalho realmente realizado, no momento exato de sua realização, existe um distância (...), que é

---

<sup>14</sup>A Ergologia prioriza o estudo das ciências e das humanidades, tendo como princípio o ineditismo da atividade humana, o que pressupõe, do ponto de vista epistemológico, a dialética entre saberes da consciência (*savoir investi*) e os saberes instituídos (*savoir institué*). A abordagem ergológica destaca a atividade de trabalho como aquela na qual essa dialética entre os saberes normalizados e o inédito da atividade é capaz de renormalizar a norma antecedente e com isso torna possível trabalhar (conhecer inclusive) (FÍGARO, 2008, p.115).

o dado inusitado do trabalho, é fruto da gestão própria, de ‘si mesmo’ do ser humano que trabalha, resolvendo os confrontos impertinentes à situação real do trabalho. (FÍGARO, 2008, p.119)

É efetivamente na atividade do trabalho que se manifesta a dialética do uso de si, ou seja, a maneira singular pela qual os homens e mulheres fazem uso deles próprios em função deles próprios e daquilo que os outros lhes demandam. (SCHWARTZ&DURRIVE, 2007, p. 70)

Os estudos ergologistas tornam-se ainda mais instigantes quando, mesmo associados a uma visão marxista, são contrabalanceados ao conceito arendtiano de trabalho. Essa visão criativa da atividade humana estaria muito próxima a Arendt quando ela define sua segunda atividade fundamental humana: “(...) *homo faber* que faz e literalmente trabalha sobre os materiais, em oposição ao *animal laborans* que labora e se mistura com eles – fabrica a infinita variedade de coisas cuja soma total constitui o artifício humano” (ARENDRT, 2009, p.149).

Contudo, a visão ergologista se parece inoportuna, apesar de afirmar que o trabalho é uma criação fruto da criatividade humana, ao tomar como base que ele é realizado dentro das organizações contemporâneas que ainda estariam alicerçadas dentro de um sistema capitalista que visa o lucro, seja sob a tutela do capital, seja sob a do mercado. Os ergologistas talvez precisassem rever seu posicionamento para enxergar que o conceito de trabalho proposto por Arendt só poderia se dar fora da proposição capitalista da contemporaneidade.

O *homo faber* é realmente amo e senhor, não apenas porque é o senhor ou se arrogou o papel de senhor de toda a natureza, mas porque é senhor de si mesmo e de seus atos. Isto não se aplica ao *animal laborans* sujeito às necessidades de sua existência nem ao homem de ação, que sempre depende de seus semelhantes. (ibidem, p.157)

Os ergologistas, todavia, têm o mérito de terem aprofundado a visão marxista ao compreenderem o homem como um ser criativo, que utiliza a “mobilização dos saberes construídos pelas gerações passadas para revelar-se como um ser particular e social” (FÍGARO, 2008, p.121). Essa perspectiva contribui para a compreensão da subjetividade do indivíduo dentro das organizações contemporâneas, demonstrando que mais que uma “engrenagem da máquina” eles estariam em busca da sua condição de protagonistas, de

sujeitos ou, como prefere Arendt, “senhores de si e de seus atos”. A análise mais aprofundada desta condição humana será, em capítulos subseqüentes desta dissertação, fundamental para a compreensão do deslocamento da centralidade humana na contemporaneidade.

Uma primeira afirmação que se obtém a partir desta discussão é que há uma busca pelo protagonismo do trabalhador dentro da organização do trabalho. Começa a haver um movimento contrário à passividade até então determinante do capitalismo industrial, seja pela sua relação com a atividade do trabalho, seja pelas transformações ocorridas no contexto contemporâneo, seja em sua condição de trabalhador.

A partir deste panorama é conveniente retomar a distinção que Arendt propõe entre os significados de labor e trabalho para a compreensão de sua crítica ao modelo capitalista de apropriação das relações de trabalho. Enquanto labor tem a conotação de atividade corporal destinada a atender às necessidades biológicas - laborar “significava ser escravizado pela necessidade, escravidão esta inerente às condições da vida humana” (ARENDR, 2009, p. 94) – o trabalho se refere àquelas atividades que exigem habilidades e conhecimentos materializados em objetos (obras de arte, edifícios, etc.) que podem ser considerados expressões da subjetividade de quem as realizam. Segundo a autora esse não é o caso das atividades executadas pelos assalariados, praticamente todas as atividades produtivas, que na Modernidade passaram a ser chamadas de trabalho, deveriam ser equiparadas àquelas que antes eram designadas como labor e, por isso, indesejáveis.

A sociedade ideal é um estado de coisas no qual todas as atividades humanas derivam tão naturalmente da natureza humana como a secreção de cera deriva das abelhas para fazer a colméia: viver e trabalhar para viver passam a ser a mesma coisa, e a vida já não começará para (o trabalhador) onde (a atividade do trabalhador) cessa. (ibidem, p. 100)

E é a partir das constatações até aqui mencionadas neste capítulo que se pode chegar a mais uma afirmação sobre a centralidade do trabalho: a Modernidade capitalista teria usurpado a condição de ser social do indivíduo. Retomando o pensamento de Arendt, o homem estaria sendo privado da sua possibilidade de discurso, de alteridade, o que daria um indício de que a comunicação seria realmente um fator preponderante para a sua condição humana. Desta forma, o modelo econômico vigente teria apenas provido ao indivíduo a satisfação de suas necessidades básicas: um salário ao final do mês para que ele possa suprir

suas carências mínimas e as de sua família. Mas será que estas são as únicas necessidades que precisam ser satisfeitas para se ter a plenitude da condição humana?

O que também se parece pertinente questionar é o quanto essa condição, “de um mundo em que os valores maiores são ditados pelo labor, e no qual o próprio *homo faber* viu-se degradado na sociedade industrial à condição de animal laborans” (ARENDT, 2009, p. VIII), estaria promovendo a mudança do trabalho em um contexto de transformação do sentido da vida em uma sociedade contemporânea em mutação?

Outra discussão que se vislumbra no horizonte desta dissertação é o quanto essa projeção de trabalho (*homo faber*) de Arendt não seria demasiada utópica dentro de um contexto do sistema de produção capitalista contemporâneo. Ao se tomar teorias complementares para o mapeamento do sentido do trabalho no contexto social da contemporaneidade, Arendt parece se distanciar da realidade capitalista de uma sociedade em mutação.

Em busca de mais afirmações que ofereçam subsídios para o entendimento e a confirmação ou não da centralidade do trabalho do contexto da vida humana na contemporaneidade, uma ampliação de autores desta revisão bibliográfica se faz necessária para que se possa aumentar as possibilidades e olhares sobre as condições do indivíduo dentro das organizações brasileiras do início da segunda década do século XXI.

Para a compreensão dessa noção contemporânea de classe trabalhadora, Antunes e Alves (2004) definem que ela não é idêntica àquela existente nos séculos passados, todavia, ela não estaria em vias de desaparecer ou mesmo estaria perdendo seu sentido estruturante. O fato é que esta “classe-que-vive-do-trabalho” teria se ampliado.

(...) a classe-que-vive-do-trabalho engloba também os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para o uso público ou capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo, do processo de valorização do capital e de criação de mais valia. (ANTUNES, 2009, p.102)

Antunes e Alves (2004, p.336-341) apresentam características dessa nova classe em formação que aqui, de forma resumida, toma-se como base para a análise que se seguirá da contextualidade contemporânea do mundo do trabalho. A primeira característica é a “redução do proletariado fabril, industrial, tradicional, manual, estável e especializado”, uma vez que houve uma reestruturação produtiva do capital, dando lugar a formas mais desregulamentadas

de trabalho. Em contrariedade à tendência apontada estaria aumentando o novo proletariado fabril e de serviços, porém, de forma subcontratada, terceirizada, em que o trabalhador não teria direito a todos os seus vínculos empregatícios definidos por lei por se tratar de um contrato temporal. Outras características: aumento da mão-de-obra feminina; expansão dos assalariados médios do setor de serviços – as mudanças organizacionais, tecnológicas e de gestão também afetaram o mundo do trabalho nos serviços, que cada vez mais se submetem à racionalidade do capital e à lógica dos mercados; exclusão dos jovens e pessoas acima de 40 anos do mercado de trabalho; expansão do Terceiro Setor – empresas com perfil mais comunitários, motivadas predominantemente por formas de trabalho voluntário; aumento do trabalho produtivo doméstico; e a reconfiguração transnacional do mundo do trabalho, tanto do espaço quanto do tempo de produção – um exemplo são as empresas com linhas de montagem fragmentadas, que utilizam mão-de-obra humana em mais de um país.

A partir desse panorama tem-se se que as características da classe trabalhadora são ampliadas quando comparadas ao proletariado industrial produtivo dos séculos passados, configurando-se mais fragmentada, mais heterogênia e mais complexificada (ibidem, p.342). Seguindo ainda a linha de raciocínio de Antunes, essa condição contemporânea dos trabalhadores estaria propiciando uma nova “subsunção do real<sup>15</sup>”, em que “a classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões em sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser” (ANTUNES, 2008, p.21).

Gorz (2007, p.52) comunga dos olhares críticos de Arendt e Marx sobre o sistema capitalista, previamente apresentado neste capítulo, ao analisar que a racionalidade econômica incentiva o trabalhador a produzir quantidades crescentes de bens e de serviços compensatórios e que impõe, simultaneamente, condições de trabalho que farão nascer desses bens as necessidades compensatórias individuais de cada um. “O trabalhador funcional que aceita ser alienado em seu trabalho é porque suas possibilidades de consumo oferecem-lhe suficientes compensações, um tal trabalhador funcional só pode surgir caso surja, simultaneamente (...) o consumidor socializado”.

Aprofundando a análise de Gorz, essa organização racional do trabalho e o sistema capitalista vigente em crise, mesmo em meio às mudanças ocorridas no mundo do trabalho – como descritas anteriormente por Antunes – estariam produzindo um resultado contrário ao

---

<sup>15</sup>O conceito de subsunção é utilizado por Marx no “Capítulo IV Inédito” de O Capital. O termo indica e caracteriza a relação entre o trabalho e o capital, o que expressa que a força do trabalho vem a ser, ela mesma, incluída e como que transformada em capital: o trabalho constitui o capital (ANTUNES&ALVES, 2004, p.343).



seu objetivo, o que resultaria no descontentamento dos trabalhadores – os movimentos grevistas, com vistas às melhorias de condições de trabalho, são característicos dessa insatisfação.

Reguladores iniciativos (...) eram consumos compensatórios que a sociedade consumista acenava a seus trabalhadores. Essa sociedade, em suma, priorizava os valores hedonistas de conforto, de gozo imediato, de mínimo esforço, ao mesmo tempo em que pedia a esses operários, em um contexto de crescimento econômico e de opulência ostentatória, que se comportassem no trabalho como segundo valores diametralmente opostos. (ibidem, p. 65)

Teorias complementares para a elucidação do sentido do trabalho no contexto social da contemporaneidade podem oferecer ainda mais argumentos para essa compreensão. Segundo o enfoque social democrata, representado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), há um predomínio pela visão economicista, matizada pela defesa da intervenção do Estado e da necessidade de não destruir o sistema de proteção social e legal dos trabalhadores, ainda que se admita uma flexibilização do trabalho – esse ponto de vista está muito ligado à interpretação dos atuais níveis de desemprego decorrentes das inovações tecnológicas (OURIQUES & VIERA, p.152, 2006).

Outra teoria que ajudaria a identificar as mudanças ocorridas no sentido do trabalho na contemporaneidade é o neolafarguismo, que faz uma reivindicação da libertação do trabalho – esta corrente faz menção a Paul Lafargue, autor de “O Direito à Preguiça”. A principal contribuição é o texto divulgado pelo grupo Krisis (1999, p.68), em que afirmam que a “ilimitada crise da sociedade do trabalho deveria ser solucionada pela consciência social através da elevação “efetiva” das formas de atividade (trabalho doméstico, ajuda da vizinhança, etc.), até então inferiores e laterais à esfera da produção capitalista ao estado nobre de trabalho”.

Uma dissidência dos sociais democratas é a Nova Esquerda ou Social Democracia Européia Radicalizada. Para esta corrente, a intensidade da inovação tecnológica continuará diminuindo incessantemente as horas de trabalho, transformando em uma grande ilusão as promessas de trabalho para todos. Por isso medidas como, por exemplo, a aprovação da lei na França, em 1998, em que a jornada de trabalho semanal foi reduzida, já começam a ser questionadas sobre a sua eficácia - no Brasil, em julho de 2010, tramitava na Câmara dos Deputados uma proposta de redução da jornada de trabalho. Para Gorz (2007, p.177) isso é

em razão do sistema capitalista, que vê o desmoronamento da utopia da sociedade industrial fundamentada no trabalho. Ele identifica o momento de questionamento ao sentido do trabalho como “a oportunidade de passar de uma sociedade produtivista ou sociedade do trabalho a uma sociedade do tempo liberado onde o cultural e o societal predominam sobre o econômico”.

Retomando os estudos de Antunes (2008, p.24), são apresentados argumentos consistentes para aprofundar a análise sobre as transformações concretizadas no final do século XX, quando houve um importante avanço tecnológico com a automação da indústria e a entrada da robótica e da microeletrônica no cotidiano do mundo do trabalho. Segundo o autor, novos processos de trabalho emergiram por meio da “especialização flexível do trabalho, “por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação, da produção à lógica do mercado”. E complementa: “Diminui-se ou mescla-se, dependendo da intensidade, o despotismo taylorista, pela participação dentro da ordem e do universo da empresa, pelo envolvimento manipulatório, próprio da sociabilidade moldada contemporaneamente pelo sistema produtor de mercadorias”.

Tanto Antunes (2008) quanto Gorz (2007) parecem concordar que existiria um princípio de crise dentro do contexto do mundo do trabalho em virtude das mutações que estariam ocorrendo devido às características aqui listadas. O indivíduo contemporâneo estaria iniciando um questionamento da sua condição de “engrenagem da máquina” para se tornar um ser pensante dentro da organização. Um ser com vontades e desejos, que muitas vezes vão de encontro ao objetivo capitalista da empresa para a qual vende sua força de trabalho.

Este “novo” trabalhador, surgido nas organizações ainda alicerçadas sob os conceitos da Modernidade, acabaria enfrentando dificuldades para se adequar ao modelo de funcionário dos últimos três séculos. Seus desejos já não estariam sendo atendidos e sua insatisfação estaria sendo inflada. As relações de trabalho estariam suplantando as relações humanas dentro das empresas e provocando os conflitos como o questionamento da centralidade do trabalho na vida humana. O próprio desenvolvimento capitalista, pressupondo as relações de trabalho como fundamentais para o lucro, estariam propiciando essa tensão entre homem e trabalhador, separando-os e dominando-os – isto estaria provocando uma crise individual, potencializada em uma sociedade do consumo.

Enquanto o trabalhador industrial colocava o serviço assalariado suas energias mecânicas, segundo um modelo repetitivo, despersonalizado, o trabalhador *high-tech* empenha na produção sua competência singular, suas

energias comunicativas, inovadoras, criativas, em suma, o melhor de suas capacidades intelectuais. (BERARDI, 2005, p.41).

E essa mutação do trabalhador, no contexto da sociedade contemporânea, estaria acontecendo concomitantemente às mudanças no sentido do trabalho, que assim como a sociedade mais ampla estaria passando por questionamentos de valores alicerçados desde a Modernidade capitalista. Bauman (2001, p.171) discute o tema e afirma que um dos fatores dessas mutações é o rompimento entre capital e trabalho, o que estaria gerando uma nova onda de movimentos. “A reprodução e o crescimento do capital, dos lucros e dos dividendos e a satisfação dos acionistas se tornaram independentes da duração de qualquer comprometimento local com o trabalho”. O autor ainda complementa que esse rompimento estaria ocasionando uma grande dualidade, um dilema enfrentado dentro das organizações da contemporaneidade.

Uma leva à ética do trabalho, que estimula a troca de lugares entre meios e fins e proclama a virtude do *trabalhador pelo trabalho*, o adiamento do gozo como um valor em si mesmo, e, valor mais refinado do que os valores que se destinava a servir, a ética do trabalho insiste em que o adiamento [do prazer] se estenda indefinidamente. Outra tendência leva à estética do consumo, rebaixando o trabalho ao papel puramente subordinado e instrumental de resolver a terra, uma atividade que deriva todo seu valor daquilo para que prepara o terreno, e também leva à consideração da abstinência e da renúncia como sacrifícios talvez necessários, mas embaraçosos e corretamente mal-vistos, a serem reduzidos ao mínimo (ibidem, p.181-182).

Gorz (2007, p.104) compartilha da visão de Bauman ao também identificar o rompimento entre capital e trabalho ao atribuir a “tecnicização” a razão para a falta de garantia de integração social gerada pelo trabalho. “A crise da sociedade fundada no trabalho (no sentido econômico) obriga os indivíduos a buscarem em outro lugar, que não o trabalho, as fontes de identidade e pertencimento social”. Estaria aí um indício de que a perda da centralidade do trabalho, no contexto contemporâneo, estaria no fato de estar se desvinculando da condição econômica – como sempre defendeu Marx – e passando a ter uma atribuição cultural, como se antecipou Arendt?

Essa “crise” do trabalho poderia, portanto, encontrar na teoria da condição humana de Arendt um apoio teórico suficiente para que o trabalhador da contemporaneidade consiga

sobrepôr-se a condição de *animal laborans*, a qual estaria relegado nos últimos três séculos, para alcançar o patamar de protagonista de si, de “senhor de seus atos” (*homo faber*) – satisfação do “eu” – e do seu discurso, onde colocaria em prática a acepção máxima da sua condição de humano – satisfação de “ser social”.

Tomar essa condição arendtiana como indicação única seria muito prematuro neste momento da dissertação. Desta forma, se faz necessária uma análise, um retrato do contexto da contemporaneidade e quais mutações estariam ocorrendo na sociedade mais ampla para que se possa ter insumos mais concretos sobre a perda ou não da centralidade do trabalho. No próximo capítulo, essa perspectiva é abordada em mais detalhes.

## A Vida Humana em busca da Centralidade

O que me parece sintomático e precioso para os investigadores sociais é que Habermas, uma marxista em tempo integral e grande continuador da Escola de Frankfurt, diga que a categoria central para poder investigar o social não é mais o trabalho, não é mais a produção, é a comunicação. Há aqui um grande desafio: que papel exerce essa práxis cotidiana da comunicação de que fala Habermas, esse sentido comum comunicativo? (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.60)

No capítulo precedente foi discutido que a temporalidade contemporânea do trabalho apresenta indícios de que estaria perdendo sua histórica centralidade no reconhecimento do valor da vida humana. Toda essa análise foi baseada no contraponto de duas grandes correntes filosóficas: a marxista, uma crítica da condição econômica do sistema capitalista vigente e do incentivo ao consumo como determinantes para a condição de preponderância do trabalho no cotidiano dos indivíduos; e a arendtiana, que entendeu que esses questionamentos pelos quais o trabalho estaria passando ocorreriam em virtude de uma contextualidade histórica de um processo cultural em mutação, em que novas práticas do estar-junto social estariam reavaliando as prioridades da condição humana na contemporaneidade, razão do deslocamento da centralidade do trabalho.

A citação a Habermas, feita por Martín-Barbero na abertura deste capítulo, contudo, pode oferecer um indício de corroboração do olhar arendtiano sobre a discussão aqui já iniciada. Habermas entende que teria ocorrido um deslocamento do prisma de análise da questão humana. Desta forma, o trabalho e o sistema de produção capitalista estariam deixando de ser, na contemporaneidade, os preponderantes para a “investigação do social” (ibidem), cabendo à comunicação e as suas práticas cotidianas o papel de exercerem essa condição *sine qua non* do estar-junto social.

Ao se destacar que Martín-Barbero proferiu tal citação acima em outubro de 1991, quando participou do seminário “Sujeito, o lado oculto do Receptor”, realizado na Escola de Comunicações e Artes da USP (Universidade de São Paulo), pode-se perceber que suas afirmações reforçaram o tema aqui objeto: comunicação e os sentidos do trabalho. Na oportunidade, professores, pesquisadores e profissionais das mais diversas áreas do saber se reuniram para debater a configuração da comunicação em uma sociedade predominantemente marcada pela influência dos veículos de massa. Naquele momento, a proposição do estudo

sobre a recepção aparecia então “não mais como uma etapa do processo comunicacional, mas como um lugar novo” (ibidem, p.39), em que seria possível apontar por meio do entendimento da ancoragem histórica do receptor que as teorias comunicacionais existentes não poderiam ficar reduzidas a uma linear análise dos meios. Elas precisavam refletir sob uma nova perspectiva, a de que a práxis cotidiana da comunicação estaria provocando uma reconfiguração dos sentidos da vida humana. Em síntese, as teorias comunicacionais precisavam se debruçar sobre o processo e não apenas sobre os meios de comunicação.

Debate-se cada vez mais o fato da atividade comunicacional estar calcada apenas no emissor, o que acarreta ao receptor uma única possibilidade, a de reagir aos estímulos recebidos. Essa perspectiva está enraizada na epistemologia da Modernidade, segundo a qual o processo de transmissão do conhecimento é uma via de mão única, verticalizada, de um emissor onipotente para um indivíduo-receptor. “O receptor era a tábua rasa, apenas um recipiente vazio para depositar os conhecimentos originados, ou produzidos, em outro lugar” (ibidem, p.41). Para Martín-Barbero as teorias comunicacionais apresentar-se-iam, portanto, em crise. Suas possibilidades até a temporalidade da Modernidade capitalista foram insuficientes para o entendimento das mutações que ocorreram no âmbito mais amplo da sociedade contemporânea.

Interessante notar que passados quase 20 anos desde a realização do seminário, os estudos sobre recepção evoluíram, se consolidaram e ganharam desafios novos no contexto da temporalidade pós-moderna. O receptor deixou de ser visto exclusivamente como um ser passivo para também se tornar um produtor de conteúdo, um disseminador de conhecimento. Isso propicia uma grande mutação na visualização da práxis cotidiana da comunicação. Concomitante a intensificação do poder influenciador dos veículos de massa na Modernidade capitalista sobre os indivíduos, surgiram novas possibilidades de comunicação advindas de tecnologias digitais. Estas, por sua vez, com seu caráter horizontal deram ao receptor a possibilidade de se tornarem também emissores do conteúdo transmitido. Essa nova característica deu à práxis comunicacional uma nova dimensão, muito mais ampla. “Com o espaço cibernético temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas (...) e têm a possibilidade de metamorfose imediata” (LEVY, 1994).

Martín-Barbero, contudo, reforça que os meios não foram os únicos atores dessa transformação da práxis cotidiana de comunicação na contemporaneidade. Eles fizeram parte de um processo comunicacional mais amplo, em que os novos vínculos que se formaram a partir deles interferiram nas mutações do âmbito cultural, do estar-junto social.

O primeiro preconceito consiste em aceitar que se pode compreender os processos de comunicação estudando apenas os meios, quando o que estes fazem e o que eles produzem no público não pode ser entendido a não ser em referência às transformações nos modos urbanos de comunicação, isto é, as mudanças no espaço público, nas relações entre o público e o privado, que produzem uma ‘nova cidade’ feita cada dia mais de fluxos, de circulação e informações (...) (MARTÍN-BARBERO, 2007, p.4)

Esse olhar sobre os vínculos se torna mais interessante ao se comparar que as temporalidades que se formaram no contexto da Pós-modernidade se diferenciam da concepção progressiva da Modernidade, como antecipou Martín-Barbero (1995, p.43) ao defender que essa “‘visão unidirecional’ moderna seria a responsável pela miopia social de uma heterogeneidade de temporalidades durante a história”.

Essa contextualização da citação sobre a comunicação feita por Martín-Barbero, baseando-se em Habermas, pode aqui reforçar exatamente o objeto dessas afirmações, há uma comunicação como processo que antecede e ultrapassa a noção dos meios e de como deles se serve. A provocação barberiana feita há quase duas décadas, portanto, torna-se ainda mais instigante e atual na compreensão do sentido da vida humana na contemporaneidade quando contraposta à afirmação de Gorz (2007, p.104), mencionada nos parágrafos finais do capítulo precedente. No referido trecho, Gorz – que, coincidentemente, é mais um discípulo crítico da teoria marxista, assim como Habermas – apontou que “a crise da sociedade fundada no trabalho (no sentido econômico) obrigou os indivíduos a buscarem em outro lugar que não o trabalho a fonte de identidade e pertencimento social”. Esse ‘outro lugar’, aqui entendido como o espaço ocupado pela comunicação e suas práticas no cotidiano da vida humana, assim como antecipou Martín-Barbero, parece encontrar em Habermas e Arendt consonância quando ambos defenderam o processo cultural como condição para a “investigação do social”.

A concepção teórica habermasiana esteve voltada principalmente para a reconstrução das condições culturais existentes, em que os indivíduos, quando socializados, comunicam-se por meio de uma linguagem, voltados para o entendimento mútuo. Habermas (1993) define que a prática cotidiana orientada para o entendimento estaria permeada de idealizações inevitáveis que “permitiram ao médium da linguagem coloquial a reprodução da vida”. Essas idealizações estariam associadas aos conteúdos normativos que se encontram nas práticas

cotidianas, das quais não se pôde prescindir porque a linguagem, associada à “visão do mundo”, foi constitutiva para as formas de vida socioculturais. Arendt (2009, p.345) assume uma posição muito semelhante ao reforçar que é por meio da ação que o homem se revela a si próprio, pois é a ação a “fonte de significado da vida humana; a capacidade de começar algo novo que permite ao indivíduo revelar a sua identidade”.

(...) politicamente não existimos isolados, mas coexistimos. Daí a tensão entre filosofia – no qual o pensar é a dualidade do diálogo coerente do eu consigo mesmo – e a política, na qual a pluralidade exige um estar sempre ligado aos outros, pois se podemos pensar por conta própria, só podemos agir em conjunto (ibidem, p. 348)

Ao se tomar como válida a prerrogativa de Habermas de que a práxis comunicacional (mundo da vida) prevalece sobre o trabalho (mundo sistêmico)<sup>16</sup> e que isso é preponderante para o entendimento do social, aqui se colocam os questionamentos feitos por Martín-Barbero sobre o sentido da comunicação e de seu lugar para a compreensão das mutações sociais vigentes na contemporaneidade. Entende-se, pois, esse espectro ao também se analisar como essas questões interfeririam na centralidade do trabalho na vida humana.

A presença da comunicação como inerente ao desenvolvimento da condição humana pode ser analisada a partir da raiz etimológica da palavra, que se origina do latim *communicatione* que, por sua vez, deriva de *commune*, ou seja, comum. *Communicatione* significa participar, pôr em comum ou ação comum. Portanto, comunicar é, etimologicamente, relacionar seres vivos e, normalmente, conscientes (seres humanos),

---

<sup>16</sup> Em sua teoria da ação comunicativa, Habermas (1992) concebe as sociedades modernas compostas por dois mundos: o mundo sistêmico e o mundo da vida. O mundo sistêmico inclui os subsistemas econômico e político, e é considerado válido e necessário para assegurar a reprodução material e institucional. Já o mundo da vida é considerado o “habitat” natural dos espaços societários das instituições como a família, as associações de bairro, as comunidades de base, os sindicatos e das organizações culturais, artísticas e científicas (FREITAG, 1985).

O mundo sistêmico orienta-se pela ação instrumental ou estratégica, sob a forma de ação técnica que aplica, racionalmente, meios para a obtenção de fins, através do uso do poder econômico e político. O objetivo central do mundo sistêmico é o êxito, o sucesso, a dominação. O mundo da vida tem como objetivo o entendimento e orienta-se pela ação comunicativa, que é a interação lingüisticamente mediada, que possibilita pensar e analisar as relações sociais cotidianas, espontâneas e padronizadas. Postula o agir/ação com base no entendimento mútuo, possibilitando a expressão, via linguagem, a sentimentos, expectativas, desaprovações/aprovações... procurando o entendimento e o bem estar de cada um e de todos.

Estes dois mundos interpenetram-se e dependem, em princípio, um do outro. Todavia Habermas (1992) denuncia, como uma das patologias da modernidade, a colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico. A estratégia de ação instrumental do mundo sistêmico vai invadindo os espaços do mundo vivido, desalojando e expulsando a ação comunicativa. Os valores cultuados no mundo sistêmico, como poder, dinheiro, prestígio, sucesso, vão “contaminando” o mundo da vida, da sociabilidade, da espontaneidade, da solidariedade e da cooperação, com base na ação comunicativa.



tornar alguma coisa comum entre esses seres, seja uma informação, uma experiência, uma sensação, uma emoção, etc. (SOUSA, 2006, p.22).

Sodré (2007, p.21) esclarece que o “sujeito que se comunica é o mesmo ser como ‘entre’, logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, o outro”. Pode-se concluir, portanto, que comunicação é um processo social de alteridade, uma vez que indivíduos interagem, se expressam e, juntos, constroem um pensar, um conhecimento, um imaginário que determina suas práticas de sentidos simbólicos. É o mesmo Sodré (2001) que a define como “vinculação social”.

É o laço atrativo. E esse laço é a obrigação simbólica originária, que faz nascer uma dívida simbólica com o grupo social. É a dívida simbólica com o meu pai, minha mãe, comigo mesmo. É também um compromisso de vida ou de morte. Para que eu possa exigir, para que me sacrifique para manter o grupo. (...) E esse vínculo é tanto consciente quanto inconsciente. (...) O vínculo atravessa os limites, atravessa o corpo, os sonhos, o psiquismo do sujeito.

Essa argumentação encontra lugar nos estudos de Arendt (2009, p.189) quando a autora afirmou que é por meio da alteridade que os “homens se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens”. Arendt definiu essa característica como o ápice da condição humana, quando o homem se torna pleno por meio da ação e do discurso.

Maria Aparecida Baccega (1995, p.21) também discute essa questão quando reforça que o discurso não é apenas preponderante para a definição da alteridade, mas também da subjetividade humana. A autora aponta que toda a sociedade funciona “no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se complementam”. Dessa dinâmica, nascem novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos pré-existentes – a multiplicidade de temporalidades, como antecipado por Martín-Barbero – e ainda alteram os seus próprios significados com o passar do tempo. Ainda para Baccega, o universo de cada indivíduo está inserido nesse universo de discursos e é a partir dessa materialidade discursiva que se constituiria a subjetividade de cada indivíduo.

O indivíduo resulta, portanto, de vários discursos, é paciente de uma pesada carga social, que atua ditatorialmente sobre cada um. Mesmo assim a

subjetividade é única, carrega os traços da especificidade do ser que reelabora essa carga e do universo a que ele pertence. Mas ele é também agente. Portador de uma subjetividade plural, o indivíduo tem condições de reelaborar, de inovar os discursos da sociedade, que são muitos, produzindo outros muitos discursos. Daí sujeito. Essa é a condição paciente/agente que nos leva a designá-lo indivíduo/sujeito. (ibidem, p.22).

Ao retomar o pensamento de Arendt, nota-se que a autora reforça que é por meio do discurso que cada indivíduo, dentro da dupla questão de igualdade e diferença, revela sua própria imagem: “São com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original”. O discurso, portanto, é o que dá esse caráter de distinção para a efetivação da condição humana da pluralidade, “do viver como ser distinto e singular entre os iguais” (ARENDR, 2009, p.191).

Para Arendt, o homem precisa constituir sua subjetividade, para reconhecer-se como ser único, e a partir dessa diferenciação, relacionar-se e tornar comum sua experiência com os iguais. Só desta forma eles estariam aptos a exercer, em sua plenitude, a sua condição humana. “Os homens no plural, isto é, os homens que vivem e se movem e agem neste mundo, só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e ser inteligíveis entre si e consigo mesmos” (ibidem, p.12).

Essa materialização do discurso, das múltiplas temporalidades, se dá por meio do embate social, da expressão, da enunciação, da linguagem. “A expressão é tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (BAKHTIN, 2002, p.111).

Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como um ente (por exemplo, uma agregação ou um conjunto de sujeitos), mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. (SODRÉ, 2007, p.21).

Fica evidente que a partir dessa argumentação, a comunicação passa a ser entendida como um vínculo entre os indivíduos e que para que essa relação cultural se dê é preciso um

códigos de signos, uma linguagem, mas um algo que os anteceda, da noção que sustente esse vínculo. A linguagem, portanto, não se resumiria à oralidade ou a simples veiculação de mensagens por meio de artefatos tecnológicos, ela é aqui entendida como a conotação dos significados gerados a partir das trocas de sentidos, da mediação dos vínculos sociais, como bem definido por Sodré (2002). “A vinculação se define pela reciprocidade das interações afetivas e dialógicas entre os sujeitos (...). Vincular significa aqui ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação”.

A linguagem, portanto, apresenta-se como um elemento fundamental para mediar essa arena social que se forma entre as diversas subjetividades. A linguagem se torna o processo histórico, o nexos que cria significado para a cultura. “(...) la comunicación como espacio de apropiación cultural, de activación de la competencia y la experiencia creativa de la gente, y de reconocimiento de las diferencias, es decir de lo que culturalmente son y hacen los otros(...)” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p. 14).

As relações entre comunicação e cultura podem ser observadas quando a cultura não se percebe mais como cultura, ou seja, quando um gesto não pode ser mais justificado como se fosse natural. Para José Luiz Braga (2001) numa situação como esta já se pode pensar essas relações pelos pressupostos teóricos da comunicação. Na prática, o autor argumenta que em um contexto como esse, deve-se conceber cultura não mais “enquanto modo de ser, mas cultura enquanto comunicação”<sup>17</sup>.

Essa relação cultura-comunicação aqui se torna chave ao se tomar a linguagem como uma prática de sentido que gera a construção dos discursos que redefinem a cultura. Ao se assumir essa proposição como válida, pode-se ter um indício de que o embate entre as temporalidades da Modernidade e da Pós-Modernidade estão engendrando uma reconfiguração do estar-junto social. A análise dessa condição, no contexto da contemporaneidade do início da segunda década do século XXI, portando, se torna a elemento nuclear para a elucidação das questões colocadas por Martín-Barbero quando indaga sobre o papel da práxis cotidiana da comunicação e o sentido comum comunicativo ao se relacionarem com os sentidos do trabalho na contemporaneidade. Há um processo social em mutação na confluência dessa mesma história, em sua pluralidade e em sua contextualidade.

---

<sup>17</sup> Vide Vattimo, em a Sociedade Transparente (1992).

Neste embate de temporalidades, entre Modernidade e Pós-Modernidade, os valores que sustentaram cada uma dessas epistemes entram em um processo de mutação, de contrariedade. O contexto moderno, baseado na racionalidade capitalista da produção, valorizava o “ter” e a satisfação pessoal se dava por meio do consumo de bens, tirando do indivíduo a sua possibilidade de satisfação social, como defendeu Marx (1993) e Arendt (2009) no capítulo anterior. Ao pautar-se por esse pensamento instrumentalizado, a comunicação atendeu às expectativas do sistema capitalista vigente e se utilizou de suas ferramentas tecnológicas para perpetuar a manutenção e potencialização da lógica produção-consumo. “A instrumentalidade técnica da comunicação acabava sendo uma instrumentalidade ideológica, dado que fazia dos veículos de comunicação apenas meios para fins, estes sempre ocultados, mas sempre vinculados aos interesses do sistema de produção econômica” (SOUSA, 2008, p.51) – o que corresponde à verticalidade dos meios, criticada por Martín-Barbero no início deste capítulo.

Em contrapartida, no contexto pós-moderno, o “vivenciar” assumiu um caráter preponderante, em que o indivíduo foi convidado a experienciar cada momento, degustar a consciência de cada instante de sua vida – um exemplo bem contemporâneo é o “movimento devagar”, iniciado a partir da obra de Carl Honoré<sup>18</sup>, em que o indivíduo é incentivado a ter uma visão devagar dos outros, mais plena e desacelerada da vida, mais vivida do que percebida. A característica do experienciar cada momento também pode ser percebida na publicidade: a campanha da General Eletric<sup>19</sup> (GE), por exemplo. Lançada em abril de 2010 – após a empresa ficar cinco anos sem anúncios institucionais, a empresa trouxe como slogan publicitário a seguinte mensagem: “Para a GE, mais importante do que ter, é viver”. Segundo Vitor Knijnik, vice-presidente de criação da agência Energy, criadora do conceito publicitário da GE, “a campanha “Ter Viver” faz perguntas interessantes como: de que vale ter as coisas especiais se não as usamos? Qual o valor do luxo se ele fica guardado? Para responder essas questões mostramos pessoas desfrutando a vida, não esperando os momentos especiais e sim os provocando. Os produtos GE entram como o suporte desse estilo de viver”<sup>20</sup>.

Como já apresentado no capítulo primeiro dessa dissertação, essa temporalidade pós-moderna estaria de acordo com a FIB (Felicidade Interna Bruta), que é baseada na premissa de que o objetivo principal de uma sociedade não deveria ser somente o crescimento

---

<sup>18</sup> HONORÉ, Carl. Devagar: como um movimento internacional está desafiando o culto da velocidade. Rio de Janeiro: Record: 2005.

<sup>19</sup> Campanha Publicitária GE. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=YFxKyBncAf8>>. Acesso em 26.jun.2010.

<sup>20</sup> Site ADNews. Disponível em: < [www.adnews.com.br/publicidade/102528.html](http://www.adnews.com.br/publicidade/102528.html)>. Acessado em 04.jul.2010.

econômico, mas a integração do desenvolvimento material com o psicólogo, o cultural e o espiritual sempre em harmonia com o planeta. Sendo assim, o índice de felicidade seria dividido em nove dimensões: bem-estar psicológico, uso do tempo, saúde, pertencimento comunitário, educação, cultura, meio ambiente, governança e padrão de vida<sup>21</sup>. Todos esses últimos exemplos poderiam ser classificados como um indício de saturação do sistema capitalista que, por meio desses movimentos do ‘devagar’ e do ‘experenciar’, estaria buscando ajustes, uma reconfiguração dos valores de mudança.

Essa diversidade de temporalidades estaria gerando uma reconfiguração de práticas sociais e de questionamentos das grandes utopias geradas pelo sistema capitalista. “O progresso não é mais uma medida temporária, um questão transitória, que leva eventualmente a um estado de perfeição (...), mas um desafio e uma necessidade perpétua e talvez sem fim, o verdadeiro significado de permanecer vivo e bem” (BAUMAN, 2001, p.155). Bauman evidencia essas diferenças, ao explicar como a Modernidade e a Pós-Modernidade caracterizaram os indivíduos.

A vida organizada em torno do papel de produtor tende a ser normativamente regulada. Há um mínimo de que se precisa a fim de manter-se vivo e ser capaz de fazer o que quer que o papel de produtor possa requerer, mas também um máximo com que se pode sonhar; desejar e perseguir. (...) A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis (...). Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de referência para uma vida de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal – o céu é o único limite. (ibidem, p.90)

Assim como antecipado por Levy (1994), as novas práticas comunicacionais advindas dos avanços tecnológicos evidenciaram uma série de questionamentos causados pela nova apropriação do real. Estaria ocorrendo uma reformulação no âmbito cultural e político, em que os vínculos estariam se ressignificando. “Hoje não se pode ter um projeto técnico se você não tiver uma visão cultural organizadora desse projeto, assim como não se pode ter um projeto cultural sem incluir a técnica. Por isso, é difícil distinguir essas dimensões sociais, culturais e técnicas”.

---

<sup>21</sup> Site Visão Futuro. Disponível em: <[www.visaofuturo.org.br](http://www.visaofuturo.org.br)>. Acesso em 01.jun.2010.

Miège (2009) ajuda na compreensão desta questão da temporalidade pós-moderna ao argumentar sobre a dupla mediação<sup>22</sup> existente entre comunicação e técnica e entre comunicação e sociedade. Para ele é preciso se posicionar contra o determinismo tecnológico presente nessas novas práticas, ao assumir a hipótese da necessidade de se compreender esse processo no contexto de múltiplas lógicas presentes.

Por isso, parece-nos oportuno situarmo-nos no contexto da problemática da dupla mediação sobre a qual Josiane Jouët (Jouët, Beaud, Flichy, Parquier e Quéré) escreve que ela “é ao mesmo tempo técnica, pois a ferramenta utilizada estrutura a prática, mas a mediação é também social porque os motivos, as formas de uso e o sentido atribuído à prática se alimentam no corpo social” e que resulta numa inter-relação entre o técnico e o social. Essa problemática se opõe à clássica, do grande compartilhamento entre técnica e o social, e à antropologia das ciências (representada, por exemplo, por Michel Callon e Bruno Latour) que como modelo da tradução interessou-se antes de tudo pelas alianças entre ciências, técnicas e ação social. (...) As vantagens dessa postura da dupla mediação aparecem imediatamente embora seja necessário abrir a abordagem do social. Mais difícil é o trabalho reflexivo que visa a destrinchar aspectos muitas vezes estritamente ligados. No entanto, isso é essencial para a compreensão do que está em jogo... (MIÈGE, 2009, p.46)

Para Miège, essa relação de dupla-mediação contribuiu com uma série de possibilidades para o convívio social. Contribuições essas que vão desde a otimização e incremento da produção até as novas possibilidades informacionais determinadas, em grande parte, pelas mídias não-massivas digitais que proporcionariam novas práticas comunicacionais, divergentes do esquema funcionalista vigente na Modernidade.

A um olhar histórico, a relação entre mídia, tecnologia de comunicação e participação pública resulta mais facilmente compreensível. Além de mudar as opiniões e as formas de interagir, a introdução de um novo meio de comunicação e de uma nova tecnologia comunicativa, num determinado momento da história da humanidade, passou a atingir a esfera da inserção

---

<sup>22</sup>Se analisarmos sobre o ponto de vista de Bernard Miège, ele contrapõe que o lugar das ferramentas se coloca na proporção mesma de compreensão da dinâmica social como elo igualmente fundamental para se compreender o pensamento comunicacional em construção na contemporaneidade. (Miège, 2009).

com o mundo, contribuindo para determinar a transformação da estrutura de percepção de realidade. (DI FELICE, 2008, p.21).

Assim como identificou Di Felice, essa nova percepção de realidade estaria modificando severamente as relações entre os indivíduos, entre as organizações, seja por meio das mídias massivas, em um primeiro momento, seja pelas mídias não-massivas digitais que, por sua vez, ofereceram vias diferentes de questionar os modelos vigentes desde a Modernidade. Castells (2003) denomina esse novo desenvolvimento, essa nova configuração social, de informacionalismo, moldado historicamente pela reestruturação do modo capitalista de produção do final do século XX. O fato é que as práticas comunicacionais mediadas pela tecnologia se desenvolveram e contribuíram para a ressignificação da relação do indivíduo com a mensagem. “Toda nova tecnologia interpela o universo existente e, escapando ao controle de cada indivíduo, transforma o sujeito em objeto da técnica. Porém, ao mesmo tempo, cada um se posiciona como objeto e sujeito” (SILVA, 2006, p.29).

Miège (2004) ressalta bem essa evolução tecnológica e alerta para um ponto preponderante da análise da técnica: a temporalidade. Assim como Martín-Barbero, para Miège as práticas comunicacionais, as mediadas pela tecnologia, deveriam ser referenciadas com base em sua contextualização histórica, ou seja, as técnicas se inseririam no contexto social ao realizarem uma ação e uma contra-ação. Castells (2003, p.43) tem um olhar muito semelhante ao afirmar que o determinismo tecnológico é infundado, já que os dois interagem. “Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais”. Mais é também dele a afirmação de que nos dias atuais poderia estar se introduzindo na comunicação os avanços extraordinários da intercomunicação individual – Mass Self Communication –, que constitui certamente “uma nova forma de comunicação em massa, porém, produzida, recebida e experienciada individualmente” (CASTELLS, 2006).

Ao mesmo tempo em que a práxis comunicacional, mediada pela tecnologia, provoca reações distintas, ela interfere em sua própria dinâmica, em sua prática diária de mediação, o que acaba determinando uma constante inovação. Quanto mais é utilizada essa técnica, mais constante se torna a sua evolução. Esta questão já foi exemplificada nesta dissertação no primeiro capítulo, quando foi apresentado a busca incessante das pessoas pelo iPad. A geração contemporânea de indivíduos, envoltos às novas possibilidades de comunicação, encontraram na tecnologia uma grande plataforma amplificadora, um grande facilitador de

sua característica intrínseca de ser humano que é a de se comunicar, se relacionar com o outro, de criar vínculos, de ‘tornar comum’ um valor.

Essa prática comunicacional mediada pelas tecnologias digitais oferece ao receptor a possibilidade de também se tornar emissor e produtor do conteúdo disseminado, é referenciada por autores como Martín-Barbero (1990), Mafesolli (1987) e Lemos (2002) como preponderantes para a ressignificação da sociabilidade na temporalidade pós-moderna. Enquanto antes as redes de “sociabilização primitiva” eram representadas pela família, igreja, grupos étnicos e a escola, neste novo contexto do estar-junto social, elas passaram a dividir espaço com o que esses autores classificaram como socialidade<sup>23</sup>, em que o conceito de tempo e espaço é suplantado.

A noção do futuro, de progresso na Modernidade estaria sendo então realocada. O indivíduo pós-moderno passaria a valorizar mais o presente e as possibilidades oferecidas nesse novo contexto em mutação. Nessa retomada de sua subjetividade perdida, o indivíduo estaria em busca de um novo comum, de uma nova comunidade, que passaria a formar as socialidades tribais, como definiu Mafesolli (apud: MARTÍN-BARBERO, 2007, p.7) ao explicar que os indivíduos “estariam se realizando através de agrupamentos esporádicos, viscosos, marcados mais pela lógica da identificação do que da identidade” em uma sociedade baseada na informação.

Esse aflorar de novas problemáticas sociais e culturais (...) surge na confluência de reconhecimento de todo um processo cultural que se manifesta marcado pela diversidade cultural, por um tecido social onde se evidencia o questionamento de valores e normas tanto quanto crises na significação de instituições tidas como estruturantes do estar-junto coletivo na Modernidade. (SOUSA, 2009, p.86).

Essa busca pela individualidade perdida e pelo sentir-se parte de comunidades, do pertencer do homem contemporâneo, apresenta-se como fundamental para a compreensão da busca da centralidade da vida humana na contemporaneidade. Bauman (2001, p. 116) aprofunda essa análise ao afirmar que a “comunidade é uma versão compacta do estar-junto,

---

<sup>23</sup>Socialidade é aqui entendida segundo o conceito de Martín-Barbero (1990, p.12), “la trama que forman los sujetos y los actores en sus luchas por horadar el orden y rediseñarlo, pero también sus negociaciones cotidianas con el poder y las instituciones. Desde ella emergen los movimientos que desplazan y recomponen el mapa de los conflictos sociales, de los modos de interpelación y constitución social”.



e de um tipo de estar-junto que quase nunca ocorre na ‘vida real’: um estar-junto de pura semelhança, do tipo ‘nós que somos todos o mesmo’”.

Aqui é pertinente mencionar que esse ponto de vista de Bauman se aproxima muito da teoria de Arendt quando a autora dialoga com a questão do “singular entre os iguais”. As novas práticas comunicacionais estariam propiciando algo renegado aos homens durante a Modernidade capitalista, a possibilidade de se reconhecerem plurais, condição fundamental para a realização do estágio da ação, em que o homem estaria na plenitude de sua existência.

Sob esse mesmo prisma, encontramos também em Habermas (1992) a questão da intersubjetividade, que ele defende como essencial para a investigação do social a compreensão do ato político, do relacionamento entre os sujeitos. Portanto, a partir da ação comunicativa habermasiana, a construção do processo comunicacional não seria apenas na transmissão de conteúdos, mas a articulação discursiva entre os sujeitos.

Deste modo, evidencia-se que a comunicação, como proposta por Habermas no trecho de abertura deste capítulo, se apresenta com a grande mola propulsora para a mutação dos sentidos da vida na contemporaneidade. Por meio de sua práxis cotidiana e do papel que exerce, a comunicação estaria resignificando e evidenciando todo o processo cultural da Pós-Modernidade, proporcionando aos sujeitos novos caminhos, novas possibilidades que estariam por definir uma nova centralidade da vida humana. E essa nova condição do estar-junto social, portanto, está reconfigurando os sentidos do trabalho na contemporaneidade. São esses novos vínculos, formados a partir das múltiplas temporalidades da Pós-modernidade – como prefere Martín-Barbero – ou pelos discursos “que se cruzam, se esbarram, se anulam e se complementam” – como prefere Baccega –, que fazem com que o trabalho perca sua centralidade.

Neste contexto da temporalidade pós-moderna, o estar-junto social estaria provocando uma mutação, um questionamento aos valores pré-existentes, o que ocasiona uma nova forma de vinculação do sujeito nos seus mais variados âmbitos de vida como educação, político, religioso, familiar e, inclusive, na forma como lida com o trabalho. O sujeito pós-moderno não se sente mais satisfeito apenas pelo ato de trabalhar, de encontrar no trabalho o fim para o seu prazer, a sua felicidade. Ele está talvez mais perto da definição de Gorz (2007, p.21), do “trabalho como um fator de pertencimento à esfera pública”, acrescentando a isso o fato de encontrar nele a possibilidade de se tornar “senhor de si”, de suas relações políticas, de construir uma intersubjetividade, diferente da que foi oferecida durante toda modernidade capitalista. Enfim, a centralidade da vida humana está sendo conduzida pelo processo de sua

expressão na comunicação, fator fundamental que propicia as mutações nos sentidos do trabalho.

Portanto, toma-se aqui a práxis comunicacional não como ferramenta, em seus meios, suportes e dispositivos, mas como vínculo, sustentando um especial enraizamento histórico, valores que estruturam a mutação cultural da sociedade atual. Essa cultura teria o poder de ressignificar e rearticular aspectos da estrutura vigente, ofertar aos sujeitos a chance de publicizar a subjetividade reclusa durante a Modernidade capitalista, indicando ainda a falência de suas utopias (felicidade no amanhã, busca da satisfação por meio do consumo de bens). Assim, o sujeito contemporâneo mais voltado à busca do eu, ao mesmo tempo para a “ação” proclamada por Arendt, estaria com um novo entendimento do lugar a ser buscado na centralidade da vida humana.

A partir desta constatação, o próximo capítulo apresentar-se-á com o objetivo de retratar como esses novos vínculos estão se formando na temporalidade contemporânea das organizações brasileiras. Com o apoio de dados bibliográficos e empíricos (primários e secundários), esta dissertação se coloca à procura de tendências que possam comprovar a ressignificação dos sentidos do trabalho no contexto da Pós-Modernidade, motivados pelo protagonismo do processo cultural que se formou. Com este intuito, buscar-se-á identificar essas novas práticas comunicacionais e como os sujeitos estariam criando seus vínculos em busca da centralidade de suas vidas, dentro do contexto de contrariedades das múltiplas temporalidades existentes.

## **Temporalidades em mutação: a liquidez dos vínculos sociais**

Ainda que recuperando conceitos e posturas há pouco discutido em capítulos anteriores, sobre a contextualidade que envolve comunicação e trabalho, atente-se, em especial, sobre a pluralidade de variáveis presentes na emergência e consolidação desse discurso e de práticas culturais conforme aqui serão dimensionados dentro da temporalidade atual.

A forma do ser humano se perceber e de se relacionar perante os objetos a sua volta, consigo próprio e com as demais pessoas vem assumindo um discurso que reconfigura, em especial, as possibilidades da subjetividade humana, traz à tona valores inerentes ao ser humano e que, de alguma forma, estiveram se não subjugados, ocultos. Esse discurso resgata a alteridade e cria um estar-junto social que se apresenta como condição para o viver, mais do que para o consumir, para a efetividade do prazer e da felicidade; diria Arent (2009), “condição para a concretização do exercício pleno da condição humana”. Nesse sentido, os valores propostos por Jobs, como apontado anteriormente, parecem estar em sintonia com essas afirmações. É esse mesmo processo que envolve a mutação de sentidos do trabalho:

Novas relações de cooperação, de comunicação, de troca, podem ser tecidas no tempo disponível e inaugurar um novo espaço societal e cultural, feito de atividades autônomas, de fins livremente escolhidos. (...) O tempo da vida não precisa mais ser gerido em função do tempo do trabalho; é o trabalho que deve encontrar seu lugar, um lugar subordinado, em um projeto de vida (GORZ, 2007, p.95).

Faz-se importante notar que essa reconfiguração do processo cultural não estaria ocorrendo de uma forma cartesiana e pragmática. Muitos pensadores da contemporaneidade enxergam este período como um momento de incertezas, em que ao se ressignificar vínculos e valores se estaria abalando os alicerces de uma sociedade em que instituições como igreja, família, trabalho e escola ditaram a ordem do dia e se colocaram como parâmetro de vida. Vattimo (1992, p.10), por exemplo, acredita que essa mesma “sociedade se mostra mais transparente, mais consciente de si, mais iluminada, mas como uma sociedade mais complexa, até caótica”. Esse pensamento de Vattimo encontra em Bauman consonância e que para ele é interpretado como os valores contemporâneos que estão imersos em uma liquidez de incertezas:

Uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa “flexibilidade”) marcam todas as espécies de vínculos sociais que, em décadas atrás, combinaram-se para construir um arcabouço duradouro e fidedigno dentro do qual se pode tecer com segurança uma rede de interações humanas (BAUMAN, 2003A, p. 113).

A mecanização e mercantilização da força de trabalho, a urbanização das cidades, a velocidade da informação, entre outros fatores, formataram uma nova cultura aos indivíduos daquela época marcada, preponderantemente, por uma racionalidade capitalista de produção em detrimento de um estar-junto social comunitário.

Neste contexto de crenças e vínculos em questionamento, o indivíduo foi induzido a ver no trabalho o meio para alcançar a sua realização, para encontrar a sua salvação – inclusive divina. Desde a mediação da Reforma Protestante, o homem que trabalhou em nome de Deus, deu lugar ao homem racional, consciente de todas as suas possibilidades e que encontrou no trabalho, e não mais nas orações e indulgências, o caminho a ser trilhado para determinar sua existência, para encontrar a sua felicidade, o Reino dos Céus. Começam a surgir as primeiras utopias da Modernidade, começa a maturação de um jogo de poderes em que a subjetividade é subjugada aos interesses do capital. O trabalhador oferta sua liberdade em troca da segurança. Entra em maturação a sociedade do consumo. “O mal-estar da civilização resume suas reclamações: para desfrutar dos dons gêmeos da liberdade social e da segurança pessoal, é preciso jogar o jogo da sociabilidade segundo regras que negam livre curso à luxúria e às paixões” (BAUMAN, 2003B, p.27).

Esta condição da sociedade foi determinante para o início de um conflito interno do homem consigo próprio. Desta relação criaram-se tensões que foram arbitradas, num processo de negociação, entre as pulsões do inconsciente e as injunções do conjunto cultural até que se formaram as condutas socialmente esperadas de cada indivíduo. O homem, portanto, ficou diante do conflito entre a condição do ‘eu pessoal’ versus a condição do ‘eu profissional’ – o mundo sistêmico prevaleceu sobre o mundo da vida, afirmaria Habermas; a intersubjetividade ficou associada à produção capitalista. “As imagens de uma sociedade feliz pintadas em muitas cores e por muitos pincéis no curso dos dois últimos séculos provaram-se sonhos inatingíveis ou impossíveis de viver” (BAUMAN, 2001, p.154).

Marcuse (apud MANCEBO, 2002) afirmou que a grande necessidade de consumo até criou uma euforia, no entanto, esse ânimo foi passageiro, restando ao final a infelicidade –

nascida de um vazio, construída dentro dele, através da própria lógica industrial, que o impeliu a consumir mais, formando um ciclo vicioso e gerador das crises existenciais do homem moderno. Em síntese, a alienação manifesta seu caráter opressor através da cultura de massa, cuja espinha dorsal foi a naturalização do consumo. “A vida organizada em torno do consumo (...) deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis – não mais por regulação normativa” (BAUMAN, 2001, p.90).

A partir deste contexto cultural, novas demandas sociais e simbólicas, ou seja, um novo imaginário coletivo se pautou por uma racionalidade técnica, que dissociou meios e fins. Assim, como previam os conceitos funcionalistas norte-americanos, caracterizou-se a instrumentalidade técnica da comunicação como meio entre a produção e o consumo. Para isso foi trabalhado o simbólico (desejos e valores) como mediador dessa relação, potencializada por meio da técnica, tendo-se o acesso à massa por meio da manipulação da consciência.

A comunicação é assumida como uma prática de relação vertical entre emissor e receptor, apoiada pela significação da mensagem e de canais tecnológicos, em busca de efeitos comportamentais no âmbito do consumo de valores e de bens materiais e simbólicos (SOUSA, 2008, p.49).

A pergunta que se coloca é como o indivíduo, dentro de um sistema capitalista que parece entrar em saturação, pode preencher este vazio alardeado por Marcuse? Para Martín-Barbero as pessoas se apegam à busca pela autenticidade estética, elas voltam às raízes:

Para isso recorre-se às formas ‘tradicionais’ de organizar o espaço, às formas ‘antigas’ dos móveis e tecidos. E através dessa recriação de um mundo primitivo, busca-se entrar em contato com aquilo que soe como profundo e que se manifeste como autêntico. O fosso que a racionalidade tecnológica abre na moralidade pré-moderna é preenchido com a magia do primitivo ou com o desencanto cínico do pós-moderno. (2007, p.7)

Outra possibilidade, ainda para Martín-Barbero, é que um segundo tipo de reação nos indivíduos se dá por meio da procura por novas possibilidades de agrupar-se. “Já não se acredita mais em grandes ideais e diante da perda de valor dos símbolos integradores da sociedade, a única saída que nos resta é o imediato: o presente e o próximo” (ibidem, p.7).

Dentro deste panorama, os meios de comunicação aparecem como propulsores de um grande imaginário social e de onde os sujeitos encontram na socialidade uma nova forma de

resgate ao seu caráter comunitário. Vattimo (2008, p.23) se apresenta como um dos defensores deste ponto de vista. Ele defende que as redes de comunicação horizontais, aqui entendidas como as proporcionadas pelo meio digital, em que o receptor também se transforma em um co-produtor de mensagens, se tornaram um fator novo, capaz de suprir essa necessidade humana pela “sociabilidade primitiva”: “a rede poderia ser um interessante experimento de autêntica liberação das sociedades, ruptura do esquema centro-periferia, do tradicional modelo de domínio”.

Esses diferentes nexos que apontam a complexidade do discurso atual sobre as práticas culturais podem ser visualizados através de alguns dados secundários, no contexto das práticas culturais em âmbito brasileiro. São esses dados empíricos úteis para o retrato desta característica da busca da socialidade, mediada pelas mídias sociais e enraizada no contexto social da contemporaneidade no Brasil.

Em pesquisa sobre os hábitos de informação dos brasileiros<sup>24</sup>, realizada pela Secom (Secretaria de Comunicação da Presidência da República) e divulgada em junho de 2010, tem-se um indício de que a população nacional estaria vivenciando uma temporalidade marcada por incertezas e questionamentos, por apresentar práticas que vislumbram características comunicacionais massivas e pós-massivas ou verticais e horizontais. Assim, observa-se que a relação das pessoas com os diferentes mídias sociais perpassa um cenário múltiplo, mas igualmente bem explicitado entre tendências e preferências.

### Meio de Comunicação mais importante para se buscar informação

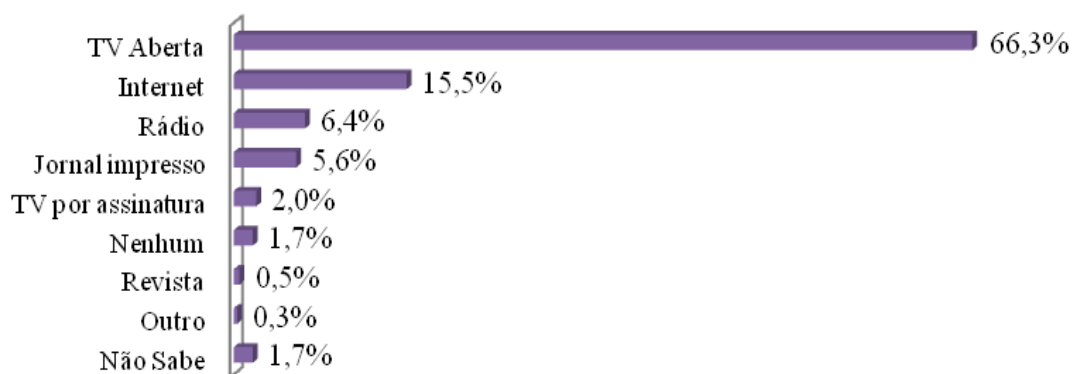


Gráfico 1 - Fonte: Secom – jun.2010

<sup>24</sup>Fonte: Secom. Disponível em <[www.secom.gov.br](http://www.secom.gov.br)>. Acessado em 23.jul.2010

A leitura desses dados possibilita, desde logo, indicar que apesar de a população brasileira ter a televisão como veículo de informação preferido (96% têm acesso a ela), a internet já desponta como um veículo extremamente utilizado, atingindo quase metade dos cidadãos brasileiros. O usuário brasileiro se coloca intensamente em exposição a essas duas mídias, massiva (TV) e pós-massiva (internet), como exemplificado no gráfico 1.

## Acesso à internet no Brasil



Gráfico 2 - Fonte: Secom – jun.2010

## Frequência semanal de utilização da internet

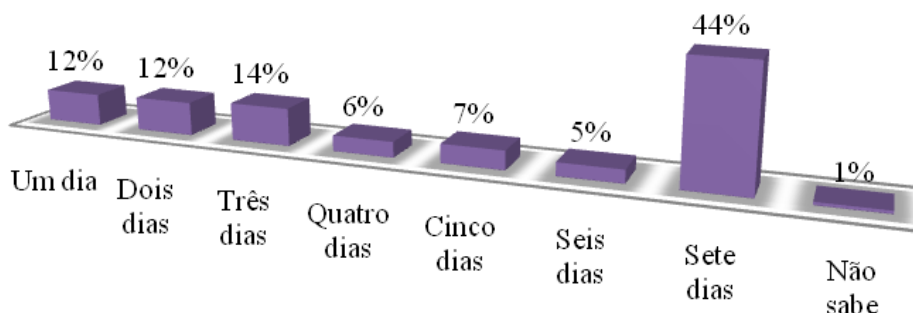


Gráfico 3 - Fonte: Secom – jun.2010

Um aspecto interessante desses dados é perceber que o acesso à internet (gráficos 2 e 3) está associado à classe social (tabela 1) e à faixa etária (tabela 2) dos entrevistados: quanto

maior o poder aquisitivo e mais jovem o indivíduo, maior o seu grau de interação com a mídia digital. Entre as pessoas de classe de renda familiar mais alta, superior a dez salários mínimos mensais, o percentual de acesso à internet é de 79,9%. Esta proporção decresce à medida que diminui a renda, alcançando 23,5% entre os entrevistados de renda familiar de até dois salários mínimos. Com relação ao público mais jovem, as pessoas entre 16 e 24 anos são as que mais acessam a internet, com 68,8%. Esse percentual decresce à medida que aumenta a faixa etária, correspondendo a 14,9% dos entrevistados com 50 anos ou mais.

#### ***Acesso à Internet por classes de rendimento familiar***

Você acessa a Internet?	Classes de Renda Familiar (SM*) (%)				Total
	Até 2	+ de 2 até 5	+ de 5 até 10	+ de 10	
Sim	23,5	46,8	60,3	79,9	46,1
Não	76,5	53,2	39,7	20,1	53,9

Tabela 1 - Fonte: Secom – jun.2010  
\*Salário mínimo

#### ***Acesso à Internet por idade***

Você acessa a Internet?	Classes de Idade (anos) (%)				Total
	16 a 24	25 a 39	40 a 49	50 ou mais	
Sim	68,8	46,7	30,0	14,9	46,1
Não	31,2	53,3	70,0	85,1	53,9

Tabela 2 - Fonte: Secom – jun.2010

Atente-se ainda para outro aspecto na leitura desses dados, ou seja, a importância do lazer ou entretenimento, enquanto ‘satisfação do eu’: eles se mostram como a principal finalidade dos acessos à internet para 46,3% dos usuários pesquisados (gráfico 4). Outros 24,8% afirmaram que utilizam a internet, principalmente, para buscar informações sendo que, destes, 47,7% a utilizam para lerem jornais, blogs ou notícias. A finalidade de acesso também encontra na mediação etária um caráter relevante. Entre os mais jovens, de faixa etária entre 16 e 24 anos, o lazer é a principal finalidade de acesso à rede. Já entre os usuários de idade superior a 40 anos, o trabalho e a busca por notícias são os principais motivos de acesso à rede mundial de computadores (tabela 3).



## Principal finalidade de acesso à Internet

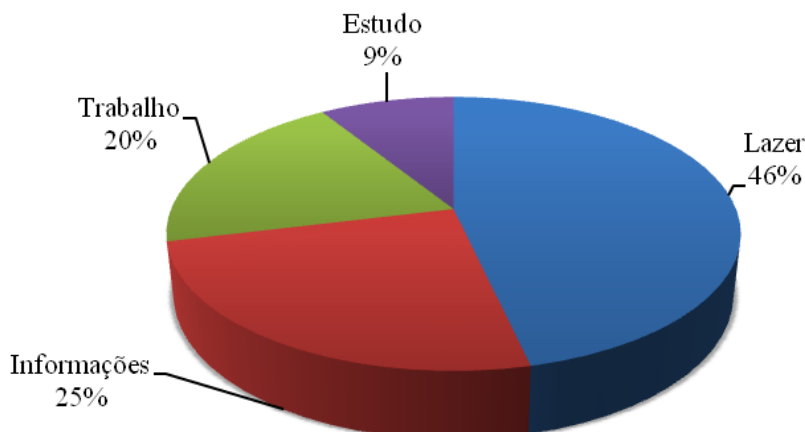


Gráfico 4 - Fonte: Secom – jun.2010

### *Principal Finalidade de acesso à internet por idade*

Acesso à internet	Classes de Idade (anos) (%)				Total
	16 a 24	25 a 39	40 a 49	50 ou mais	
Principal finalidade de utilização					
Estudo	12,2	7,6	4	6,4	9
Trabalho	9,5	24,7	32,9	28,5	19,7
Lazer	62,9	37,2	30,4	27,6	46,3
Informações	15,2	30,3	32,7	37,5	24,8
Não sabe	0,2	0,2	0	0	0,2

Tabela 3 - Fonte: Secom – jun.2010

Esses números se tornam ainda mais expressivos quando corroborados pelo pensamento de Vattimo, em que o autor defende que as redes se formaram no contexto mais amplo da sociedade e se transformaram em alternativa ao “motor” que rege as práticas comunicacionais, ou seja, ele defende que as novas práticas comunicacionais, propiciadas pelas mídias horizontais, oferecem mais e diferentes possibilidades para o sujeito retomar as raízes e criar vínculos sociais a partir de uma socialidade na prática comunicacional verticalizada. Em entrevista à revista MSG, Vattimo faz uma analogia para explicar a contraposição entre motor e rede:

O motor possui um centro que move a periferia que é movida. O que chama atenção de um fenômeno como esse é que o interesse por uma possível organização social em que o domínio de um centro, ou a sujeição de partes periféricas, ou muda ou pode ser liquidado(...). (2008, p. 21)

O que se pode concluir a partir de então é que existe um novo contexto comunicacional, propiciado por essas “relações entre pontos periféricos”, capaz de ofertar aos indivíduos da contemporaneidade a horizontalidade na comunicação, a chance de serem produtores de conteúdo. Segundo Di Felice (2008, p.28) “esse novo espaço social de discussão (...) possibilitou a formação de um espaço imaterial de discussão, fomentando ao mesmo tempo a difusão de informações e conteúdos de tais produtos”.

Quando se analisa tais dados, sob a perspectiva conceitual de Vattimo, parece claro que a tendência das pessoas que se interessam pela internet é a busca pelo relacionamento, pelos encontros de práticas que gerem identificação, de um espaço constitutivo de comunidade, da busca da condição humana perdida. Um dos apontamentos de referido estudo indica, por exemplo, que as páginas mais acessadas no país denotam a busca pela informação e pela socialidade, marcas recentes na exposição das pessoas a tais mídias (gráfico 5).

### Sites mais acessados na Internet brasileira

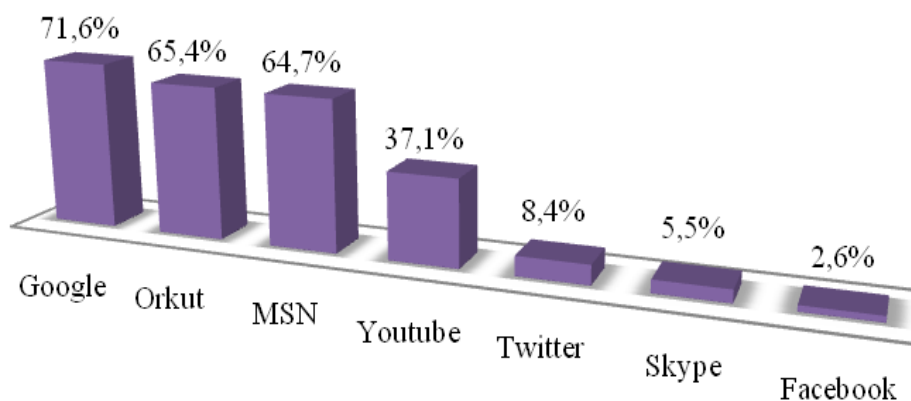


Gráfico 5 - Fonte: Secom – jun.2010

Outros dados demonstram ainda que 87% dos internautas brasileiros acessam redes sociais, com tendência de crescimento, segundo dados da pesquisa divulgada pelo Ibope<sup>25</sup>, em julho de 2010. Os sites de relacionamento como Orkut, YouTube, MSN, Twitter, Facebook, ou Linked In, em que as pessoas buscam se relacionar pela lógica da identificação, na busca da criação de suas tribos, são os preferidos pelos brasileiros.

Ainda segundo a mesma pesquisa, os internautas brasileiros acessam redes sociais principalmente por razões pessoais (83%), mas há também uma parcela significativa, de 33% dos usuários, que acessa estas redes para uso profissional. Em ambos os casos os índices brasileiros estão acima da média mundial, que são de 75% de acesso por razões pessoais e 25% por razões profissionais. O Ibope aponta ainda que as principais atividades desenvolvidas nas redes sociais são as trocas de mensagens e navegação (98%), a interatividade por meio de conversas (76%) e atualização das informações do usuário em seu perfil (76%)<sup>26</sup>.

Atente-se sobre a relação desses dados com a temática atual do pertencimento mediático: “os diferente media podem estar atuando como mediação fundamental na construção tanto quanto na caracterização do pertencimento como linguagem desse mesmo processo” (SOUSA, 2003B, p. 35). Caracteriza-se aqui a constituição da socialidade, em que os indivíduos se reúnem em forma de tribo para suprirem a visibilidade da alteridade, de se reconhecerem perante o outro. “O indivíduo é assim levado por uma pulsão agregadora, ele também é o protagonista de uma ambiência afetuosa que o faz aderir, participar magicamente a esses pequenos conjuntos viscosos” (LEMOS, 2002, p.91). Tais afirmações não são distantes do pensamento de Bauman:

A ausência da diferença, o sentimento que “somos todos semelhantes”, o suposto de que “não é preciso negociar pois temos a mesma intenção”, é o significado mais profundo da idéia de “comunidade” e a causa última de sua atração, que cresce proporcionalmente à pluralidade e multivocalidade da vida. (2001, p.116)

---

<sup>25</sup>Fonte: Ibope. Disponível em <[http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home\\_materia&db=cald&docid=3BF88551B2BA150183257769004BACA9](http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=cald&docid=3BF88551B2BA150183257769004BACA9)>. Acessado em 23.jul.2010

<sup>26</sup>Fonte: Ibope. Disponível em <[http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home\\_materia&db=cald&docid=3BF88551B2BA150183257769004BACA9](http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=cald&docid=3BF88551B2BA150183257769004BACA9)>. Acessado em 23.jul.2010

Essas evidências aqui apresentadas sobre os vínculos sociais que se formam a partir dessas socialidades midiáticas e em rede acabam refletindo nos sujeitos que estão dentro das organizações brasileiras. É o que se pode observar em reportagens sobre os desafios da organização perante esse novo trabalhador, rotulado por especialistas como “Geração Y<sup>27</sup>”. Este público, nascido entre os anos de 1980 e 1990 – e que, segundo os dados já apresentados aqui, está entre os que mais acessam os meios digitais – está começando a ocupar posições de destaque dentro das organizações brasileiras.

Além do exemplo já apresentado – quando, no primeiro capítulo, foi mencionada a reportagem da Folha de S. Paulo sobre os desafios dos gestores perante os questionamentos da Geração Y – o Portal Exame, em 2008, publicou o artigo “Impacientes, infiéis e insubordinados”, em que destacava as três características citadas no título como intrínsecas a esses jovens que recém-ingressaram no mercado de trabalho. Segundo a reportagem, esse novo profissional, não está disposto a “esperar muito tempo por uma promoção, não é fiel à organização – e sim aos seus projetos de vida – e adota a informalidade como padrão comportamental, inclusive com pessoas de hierarquia maior na empresa<sup>28</sup>” – o que difere muito de um trabalhador submisso.

Em uma busca rápida pelo tema “Geração Y” no Google, site mais acessado pelos brasileiros – segundo a pesquisa da Secom, aqui já mencionada – pode-se encontrar 874.000 resultados, o que denota uma curiosidade contemporânea sobre a questão. Entre essas várias referências encontradas, chamam a atenção dois artigos que retratam essa emergente possibilidade do estar-junto social na organização, a partir da visão desta nova geração de trabalhadores. A primeira referência é uma entrevista do norte-americano Don Tapscott<sup>29</sup>, escritor de livros sobre as novas possibilidades tecnológicas, na qual aponta que esse novo profissional muda a maneira das companhias trabalharem porque “eles têm a expectativa de um ambiente de trabalho inovador, com flexibilidade de horário, mobilidade e um processo

---

<sup>27</sup> Geração Y são consideradas as pessoas nascidas entre 1980 e 1990 que têm como características comuns o fato dos pais terem se dedicado por muito tempo à vida corporativa – abdicando do lado pessoal e, nem por isso, tendo reconhecimento –, presença da internet e da informática desde a infância ou adolescência, noção imediatista e acelerada do tempo, participação nas decisões familiares e contato com o consumismo desde criança (LOBATO, 2010). A Geração X, por sua vez, nascida entre os anos de 1960 e 1970, ficaram conhecidas pela sua independência de pensamento, favoráveis a mudança e enfatizadoras da família, de contestação do sistema vigente. Porém, hoje fazem parte normal deste sistema (ARMOUR, 2005).

<sup>28</sup> ROCHA, Márcia. Impacientes, Infiéis e Insubordinados. Portal Exame. Disponível em <<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0914/gestaoepessoas/m0154779.html>>. Acessado em 23.jul.2010.

<sup>29</sup> PRESCOTT, Roberta. Geração Y vai dominar a força de trabalho. Portal IT Web. Disponível em <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=48473>>. Acessado em 23.jul.2010.

de tomada de decisão muito ágil”. E acrescenta: “esses profissionais se frustrariam em um ambiente de controles muito rígidos”.

Já no artigo assinado por José Baptista Brandão, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ao descrever o perfil desse novo profissional, o autor apresenta uma série de características de personalidade, entre elas a de que “eles respeitam as pessoas, e mesmo organizações, e gostam de ser respeitados, pelo caráter, pela transparência, pela espontaneidade. *Eles se subordinam a vínculos e não a cargos* [o grifo é meu]. Eles são mais auto-orientados (...); e seu critério de julgamento é a consciência e não a obediência<sup>30</sup>”. Em Prescott essa questão toma a seguinte ponderação:

Eles são dinâmicos, antenados e familiarizados com diversas tecnologias, afinal, cresceram navegando na internet em busca dos mais diversos conteúdos. Aliás, fazer várias coisas ao mesmo tempo é uma característica forte, até porque eles não têm paciência para atividades muito longas. Trabalham melhor em equipes, anseiam por flexibilidade de horário e mobilidade, necessitam de feedbacks constantemente, demandam planos de carreira (querem ascender rapidamente) e esperam reconhecimento instantâneo de seu trabalho. Informais, não se intimidam ao expor idéias a seus chefes (2008)<sup>31</sup>.

Os apontamentos levantados sobre a Geração Y sugerem uma tendência para o conflito existente entre as gerações de funcionários dentro das corporações brasileiras. De um lado estão os jovens recém-saídos da universidade, do outro os funcionários com mais tempo de mercado de trabalho que ainda estariam vinculados a um processo moderno de trabalho. Pode-se observar também que nem todas as organizações estariam atentas ao deslocamento do sentido do trabalho na contemporaneidade, uma vez que ainda estariam alicerçadas em conceitos modernos; elas ainda estariam ligadas aos objetivos do capital e da otimização da produção para a maximização do lucro. Algumas organizações ainda não teriam compreendido o real valor que estaria por trás dessa mudança de perfil das pessoas que estariam contratando.

---

<sup>30</sup>BRANDÃO, João Baptista. Professor da FGV explica a geração Y. Portal IT Web. Disponível em <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=48474>>. Acessado em 23.jul.2010

<sup>31</sup>PRESCOTT, Roberta. Imersa em Tecnologia, a geração Y desafia TI. Portal IT Web. Disponível em <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=49283>>. Acessado em 23.jul.2010.

Exemplos notórios dessa transitoriedade podem ser percebidos em estilos de gestão mais contemporâneos como o da Microsoft que oferece maior flexibilidade de horário aos seus trabalhadores, contudo, sem perder de foco o comprometimento com a entrega de resultados – enquanto outras empresas ainda têm muito claro e definido o foco de lucratividade a todo custo. Um caso recente é o da Vale, uma das principais empresas de mineração do mundo, que ao ver seu lucro cair de R\$ 10,4 bilhões, no último trimestre de 2008, para R\$ 3,1 bilhões, nos três primeiros meses de 2009, decidiu dispensar grande parte dos seus funcionários. O intrigante é perceber que mesmo com um lucro acima de três bilhões de reais e de um caixa de mais de R\$ 12 bilhões – o que é exorbitante em um contexto social brasileiro de desigualdade –, a empresa ainda esteja atrelada a valores de produtividade a qualquer custo<sup>32</sup>.

Esses panoramas organizacionais que ora privilegiam características inovadoras, ora denotam que seus pilares estão alicerçados em modelos e paradigmas anteriores, são mais uma evidência deste momento de transição, de mutações por qual passa a contemporaneidade. Contudo, essa característica organizacional da lucratividade contrasta com o da sociedade mais ampla, em que o indivíduo é motivado a experienciar para ter seus desejos e carências satisfeitos – o “viver” passou a ser primordial ao “ter”. Apesar dos sujeitos serem motivados ao consumo para a satisfação dos seus anseios, as possibilidades do estar-junto e das relações humanas são muito mais fartas externamente às organizações: nas relações com a família, com os amigos e com os grupos de afinidades, em síntese, nos vínculos que se formam dentro do “mundo da vida”. Todo este panorama apresenta um indivíduo contemporâneo em conflito, não só à busca de sua “sociabilidade primitiva”, mas também imerso na liquidez dos valores sociais que ora se evidenciam em rearticulações.

Essa liquidez, na qual estão inseridos os valores contemporâneos, é marcada por conflitos de inclusão e exclusão social, emancipação e pertencimento, identidade e diferença, que se evidenciam e se tornam chave para o indivíduo nesta busca pela centralidade da vida humana. Nesse sentido, alguns temas como o sentimento de pertencimento são cada vez mais presentes neste contexto da temporalidade pós-moderna. “Ele [o pertencimento] se evidencia como uma “forma visível, em sentidos e motivações diversos de suas origens, sustentando a busca de participação em grupos, tribos e comunidades que possibilitem enraizamento, gere identidade e referência social” (SOUSA, 2003B, p.34). Este pensamento tem sua justificativa em afirmações como a de Curvello:

---

<sup>32</sup> Dados da reportagem “Vale corta 37% de seu investimento neste ano”, de Pedro Soares, publicada pela Folha de S. Paulo, no dia 22 de maio de 2009, no caderno Dinheiro, página B3.

O que temos (...) é a fragmentação, a diferença, o retorno aos pequenos grupos, às equipes, e até de uma forma mais radical, ao homem só. Essa é a mudança que se está operando no mundo, e, de uma forma muito particular, nas organizações (CURVELLO, 2005, p41).

Na tentativa de reunir subsídios para a identificação dessa temporalidade no contexto das organizações brasileiras da contemporaneidade, realizou-se um estudo exploratório<sup>33</sup>, dentro dos limites aqui impostos pelo presente trabalho. A amostragem foi composta por 60 pessoas que foram divididas igualmente entre empresas<sup>34</sup> de três setores da economia: indústria (I), serviços (S) e varejo (V)<sup>35</sup>.

Com este propósito, a primeira questão proposta teve o objetivo de identificar como o entrevistado percebe a sua atividade do trabalho e se ela é fundamental para a sua felicidade individual (gráfico 6). A maioria dos respondentes (57%) afirmou que sim, a atividade que realiza no trabalho é fundamental para sua felicidade. Desses, 30% explicaram que a razão para tal felicidade é porque o trabalho é o local onde passam grande parte do seu dia a dia, enquanto 27% alegaram que a atividade realizada é fundamental para o desenvolvimento pessoal. Mais duas razões foram obtidas para a mesma pergunta: 15% acreditam que ela é fundamental pelo reconhecimento financeiro que proporciona e outros 15% pela satisfação/realização pessoal oferecida ao desempenhar tal função (gráfico 7). Entre os que afirmaram que a atividade não é fundamental para a sua felicidade, a maioria (28%) disse que é porque o trabalho é apenas uma dos fatores que compõe a sua felicidade.

---

<sup>33</sup>Dentro de cada uma desses setores foi escolhido uma empresa, onde foram colocadas para os respondentes diferentes questões. Em cada uma das empresas selecionadas foi identificada uma pessoa, aqui denominada de ponto de contato, que fez toda a mediação entre o pesquisador e os pesquisados. Os respondentes, em cada empresa, seguiram o seguinte critério de gênero e faixa etária: cinco homens e cinco mulheres nascidos entre 1969 e 1979 e cinco homens e cinco mulheres nascidos entre 1980 e 1990. Os participantes da pesquisa podiam encaminhar suas respostas para um endereço de e-mail, identificado como Pesquisa Mestrado USP, aqui referenciada nas tabelas a seguir como Ferreira Jr 2010, ou entregar por escrito aos pontos de apoio de contato de cada empresa.

O estudo exploratório teve o objetivo de identificar a percepção dos entrevistados em relação aos sentidos do trabalho na contemporaneidade das organizações brasileiras, além de trazer tendências de comportamentos individuais a fim de se obter subsídios para uma análise sobre a pertinência a respeito da liquidez dos valores sendo trabalhada no presente texto.

<sup>34</sup>A empresa do segmento de Serviços selecionada está há nove anos entre as melhores empresas para se trabalhar, segundo o Guia da revista Exame; ela é a maior empresa brasileira de meios eletrônicos de pagamento, segundo dados da revista Exame Melhores e Maiores, publicada em julho de 2010. A empresa do segmento de Varejo é um dos maiores conglomerados internacionais do seu segmento no mundo, com presença em 18 Estados brasileiros; ocupa o terceiro lugar no ranking da Abras (Associação Brasileira de Supermercados). A empresa do setor industrial é a terceira maior montadora de veículos no Brasil, segundo dados da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

<sup>35</sup> Vide anexo.

## Atividade que realiza no trabalho é fundamental para sua felicidade?

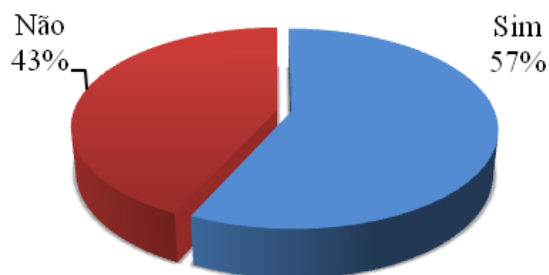


Gráfico 6 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

## Sim, a atividade do trabalho é fundamental para a minha felicidade

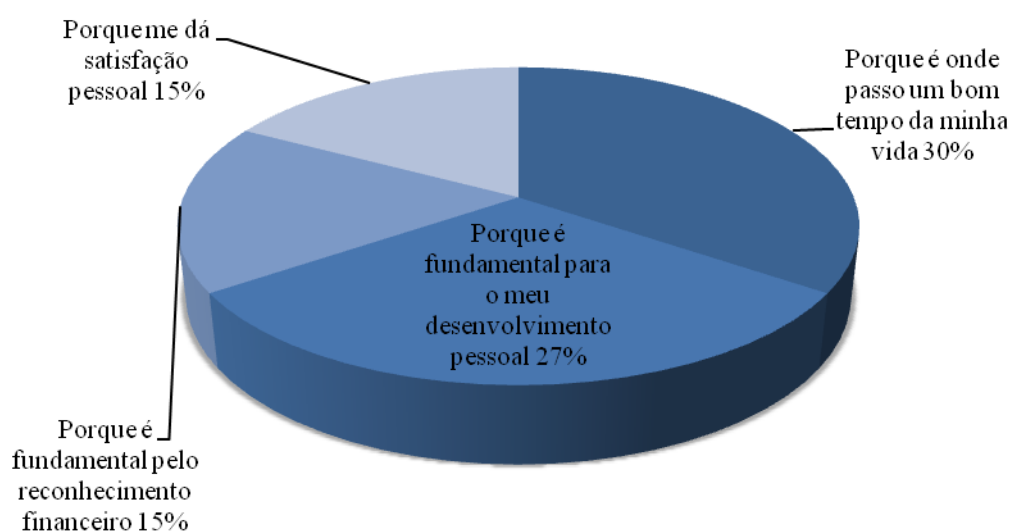


Gráfico 7 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Afirmações sobre o exercício da atividade profissional indicam, neste estudo, que o sentido do trabalho tem deixado de ter um caráter essencialmente ligado ao econômico para ganhar feições mais humanas ao oferecer, além de um valor monetário para o sustento do trabalhador, uma atribuição mais ligada à satisfação e ao prazer pessoal, como se pode denotar a partir das respostas obtidas:



*Para minha felicidade alguns aspectos da minha vida são fundamentais, meu lado pessoal, espiritual e meu trabalho. A atividade que exerço é fundamental para me sentir realizada. (mulher, 20-30anos, Serviços)*

*Ela faz parte, porém não é condição fundamental para minha felicidade. (homem, 20-30, Serviços)*

*Passo dez horas do dia no trabalho, se não fizer o que gosto me tornarei uma pessoa mais estressada e infeliz. (homem, 20-30, Indústria)*

As opiniões poderiam ter unicidade apenas entre a faixa etária de 20 a 30 anos que compõem o quadro amostral pesquisado, todavia, a mediação de idade não foi fator determinante para incongruências nas respostas:

*É uma atividade que toma a maior parte da minha vida, tem que ser agradável. (homem, 31-40, Indústria)*

*Porque me sinto plenamente satisfeito e feliz e é extensivo à minha vida pessoal. (homem, 31-40, Serviços)*

*Minha prioridade de vida não é o meu trabalho e sim minha família. O meu trabalho é o meio que tenho de dar melhores condições para mim e para minha família. (mulher, 31-40, Indústria)*

Interessante perceber que existe consonância nas respostas dos entrevistados, o que aparenta realmente demonstrar, dentro dos limites impostos pelo espaço amostral pesquisado, que o fator econômico parece não ser mais a condição-fim para a realização da atividade de trabalho na vida humana dos entrevistados. Quando solicitado a eles que assinalassem a melhor sentença para complementar a afirmação: “meu salário é...”, o resultado mostrou que a imensa maioria (90%) acredita que a remuneração mensal é “fundamental para proporcionar condições para a realização pessoal”, enquanto os 10% restantes preferiram dizer que ele “não é fundamental para a realização pessoal”. A opção “em si mesmo a razão da minha realização pessoal” não foi assinalada nenhuma vez (gráfico 8).

## Meu salário é...

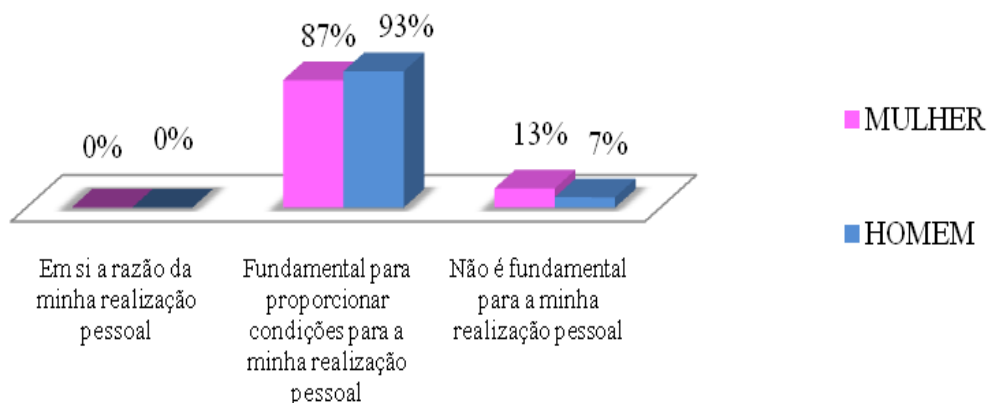


Gráfico 8 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Ainda em busca por mais tendências de corroboração desse processo valorativo, em outra pergunta foi solicitado aos entrevistados que priorizassem algumas sentenças. O resultado denota uma tendência que poderia explicar a perda da centralidade do trabalho na vida humana (gráfico 9). Com 35%, a frase “prazer pessoal fora do trabalho” foi a mais assinalada. Na seqüência ficou o “prazer pessoal pelo exercício do trabalho” com 27%, seguido por “reconhecimento financeiro” (18%), “reconhecimento pessoal por familiares e amigos” (12%) e “reconhecimento social pelo trabalho que desempenha” (8%).

## Priorização de sentenças

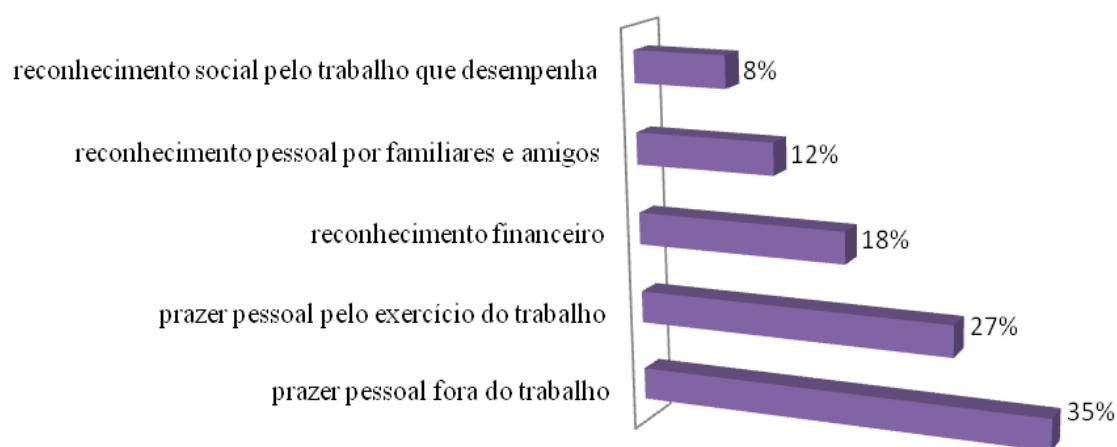


Gráfico 9 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Interessante notar que a variável gênero aqui mostra divergência: enquanto os homens preferem o “prazer pessoal fora do trabalho”, as mulheres optaram, em sua maioria, pelo “prazer pessoal pelo exercício do trabalho” (gráfico 10). Uma explicação provável pode ser o fato das mulheres estarem a menos tempo no mercado de trabalho e de ainda encontrarem resistência dentro das organizações, como apresentado em revistas do tipo ‘Melhores Empresas para se Trabalhar’, que ainda apontam que o gênero feminino não ocupa cargos de gerência na mesma proporcionalidade que os homens e que os dividendos mensais das mulheres ainda seriam menores que o masculino.

### Priorização de sentenças (gênero)

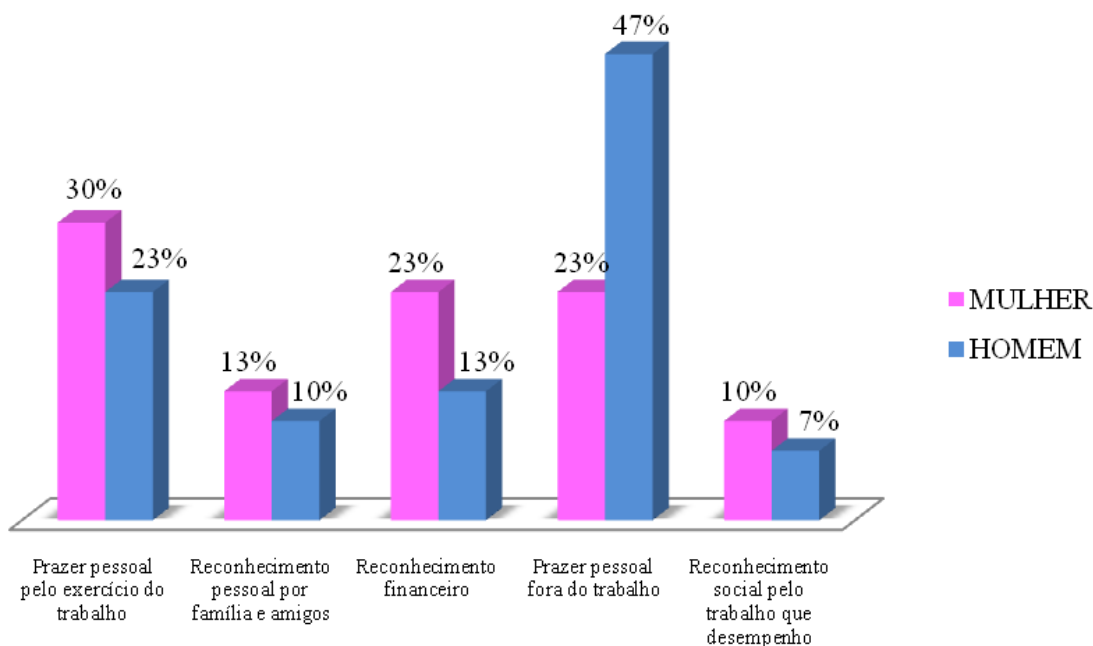


Gráfico 10 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Desta forma, mais uma questão se colocou aos entrevistados com o objetivo de identificar o que entendiam por sentido do trabalho, assumindo-se aqui diretamente a pergunta nesses exatos termos – sentidos do trabalho. A pergunta qualitativa obteve uma variedade de afirmações, mas que, se reunidas aqui por semelhança, podem ser visualizadas no gráfico 11.

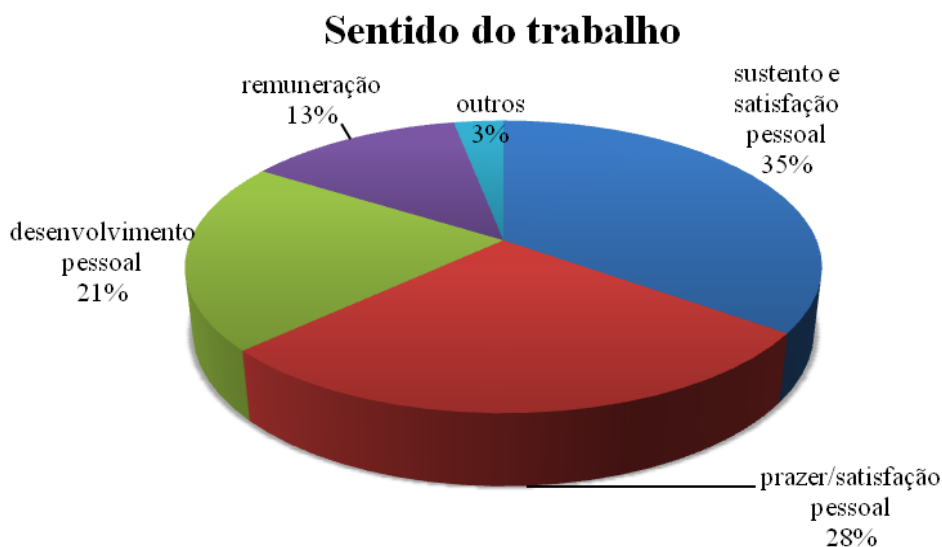


Gráfico 11 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Essa variedade de sentidos do trabalho na contemporaneidade pode ser exemplificada ao se observar as respostas obtidas:

*Realização intelectual e uma forma de sobrevivência pela geração de receita. (homem, 31-40, Varejo)*

*Importante para alcançar objetivos, realização profissional e pessoal; meio de sustento. (mulher, 31-40, Varejo)*

*É o meio pelo qual eu posso me realizar e, além disso, conseguir conquistar bens materiais. (mulher, 31-40, Serviços)*

*Necessário para o desenvolvimento e amadurecimento pessoal, além de ser uma forma de atividade remunerada para adquirir bens de consumo desejados. (homem, 20-30, Serviços)*

*Uma busca constante pelo aprendizado e aperfeiçoamento das minhas qualidades profissionais e pessoais. (mulher, 20-30, Serviços)*

*O trabalho é algo que me proporciona comprar e obter coisas que gosto e que me façam feliz. (homem, 20-30, Indústria)*

*Usar o meu conhecimento para gerar algo útil para a empresa / sociedade e como resultado ser recompensado de forma a poder concretizar outros desejos (viagens, entretenimento, bens de consumo), além de trabalhar em algo que me dê prazer. (homem, 31-40, Indústria)*

Essas afirmações reforçam observações anteriores quanto à questão da liquidez de valores e vínculos, inclusive já defendida por Bauman, em que não há mais um valor hegemônico, como em momentos anteriores da história, que guie a vida humana, uma raiz histórica capaz de determinar as dualidades características da sociedade capitalista: de certo/errado, verdade/mentira, bem/mal, etc. Contudo, as evidências de um deslocamento dos sentidos do trabalho na temporalidade contemporânea parecem se confirmar dentro dos limites do espaço amostral aqui pesquisado.

Essa ressignificação dos sentidos do trabalho passa a ser apenas mais uma entre outras ressignificações da temporalidade vigente, mas que está diretamente relacionada com a mutação da percepção do tempo e da noção do progresso na contemporaneidade. Por isso, uma das questões do estudo exploratório foi bem específica nesse sentido, quando inquiriu o entrevistado sobre a sua filosofia de vida. Para tanto foi solicitado aos respondentes que escolhessem entre duas alternativas: “o importante é ser feliz hoje” ou “o importante é lutar pelo amanhã”.

O objetivo deste questionamento foi identificar se os entrevistados tinham uma tendência moderna da noção de progresso, da busca da felicidade no futuro, ou contemporânea, da realização e satisfação do prazer pessoal no presente. Os números apontaram para um equilíbrio, porém com maior propensão à satisfação hoje, com 52%, enquanto o amanhã obteve 43% da preferência. Um dado curioso, todavia, foi que 5% ausentaram-se de responder a uma das duas alternativas colocadas e optaram por dar a sua própria resposta, todas com o mesmo sentido: “o equilíbrio entre os dois” (gráfico 12).

## Filosofia de Vida

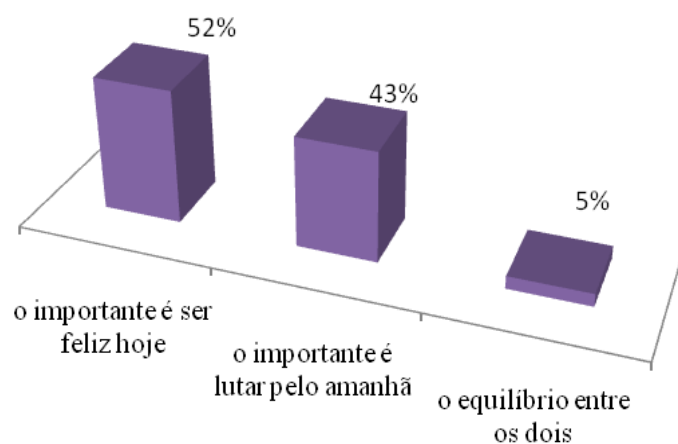


Gráfico 12 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

É interessante na identificação de tais respostas, ainda que em sua limitação quantitativa, identifica-se que o gênero feminino está mais propenso ao “hoje” do que o masculino, com 57% contra 47%. Entre elas, as casadas com faixa etária entre 31 e 40 anos têm a maior porcentagem, seguidas de perto pelas solteiras de 20 a 30 anos (gráfico 13).

### Opção que representa sua filosofia de vida: hoje

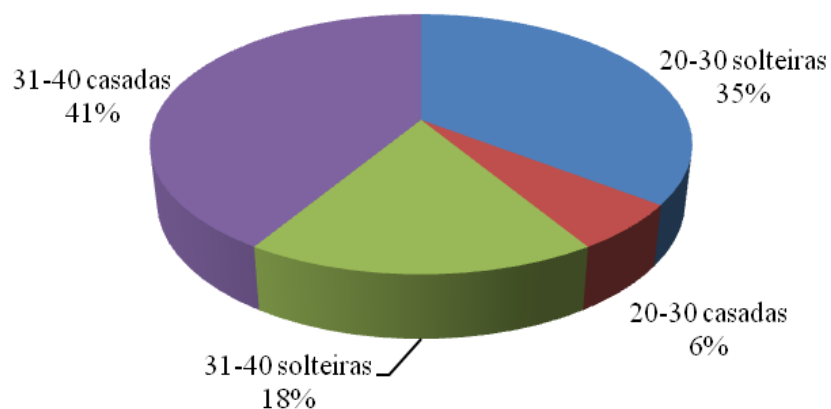


Gráfico 13 - Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Estes últimos dados poderiam demonstrar uma maior tendência do gênero feminino à assunção de uma valoração mais atual, porém ao se analisar a questão sobre o fator religiosidade – um dos alicerces da Modernidade –, tem-se uma indicação oposta. Ao serem questionados sobre se o tema era importante para a realização pessoal, a resposta afirmativa teve um índice de 75% entre os entrevistados, sendo que se forem analisados apenas as respostas das mulheres este número sobe para 83% (gráfico 14). Mais instigante ainda é notar que as respondentes responsáveis por esse número são do mesmo perfil já mencionado na questão da filosofia de vida: casadas de 31 a 40 e solteiras de 20 a 30 anos, desta vez, porém, apresentam a mesma porcentagem.

### **Religiosidade é importante para a realização pessoal?**

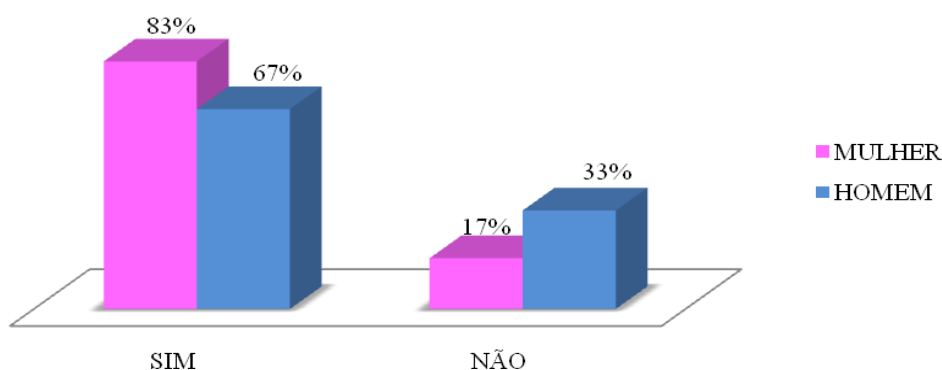


Gráfico 14- Fonte: Ferreira Jr – abr.2010

Dentro dos limites do espaço amostral aqui pesquisado, os dados apresentam uma insistente tendência de pluralidade valorativa. E que corroboram as percepções dos autores contemporâneos já citados que apontam essa dimensão flutuante de vínculos sociais, de uma cultura que encontrou na práxis comunicacional a possibilidade de uma humanidade, quem sabe subjugada e/ou esquecida dentro do sistema capitalista de produção. A afirmação de Sodré parece indicar com precisão as tendências aqui observadas:

Nesse mundo de temporalidade fluída, onde o estável e o durável são postos em crise, fica afetada em vários planos a periodização da existência. Um deles é o da indistinção entre tempos de atividade: o tempo do trabalho pode ser o mesmo da diversão ou da formação educacional”. (2007, p.19).

## Considerações finais

A sociedade ideal é um estado de coisas no qual todas as atividades humanas derivam tão naturalmente da natureza humana como a secreção de cera deriva das abelhas para fazer a colméia. (ARENDR, 2009, p. 100)

O pensamento arendtiano, referenciado acima, se repete aqui com o propósito de enfatizar como a autora conseguiu traduzir com uma analogia simples – e, por que não, até ingênua – uma nova cultura que está se formando na contemporaneidade, dentro de um contexto brasileiro aqui analisado. Arendt, ao defender o exercício da plenitude da condição humana, conseguiu tangibilizar como o indivíduo, ao ser condicionado pelo sistema capitalista de produção, movido pelo sentimento de lucratividade a qualquer custo, teve seu caráter humano subjogado durante os três últimos séculos.

Ao ser condicionado a *animal laborans*, o indivíduo foi afastado de sua condição primeira que é a de ser um ‘ser social’, que preza pela alteridade para se constituir como sujeito da ação, ou como defende Habermas (1993), capaz de exercer sua articulação discursiva em plenitude, de poder exercer a sua intersubjetividade sem restrições. Ao homem também foi privada a condição de perceber-se como indivíduo “diferente entre os semelhantes”, de ser o senhor de seus atos, de ser ‘senhor de si’ e exercer sua individualidade criativa, que o diferencia dos demais animais. Ao ficar relegado a uma ‘engrenagem da máquina’, o homem perdeu sua fonte de identidade, dele usurpada desde o princípio da Modernidade capitalista.

O homem teria sido reduzido a sua condição de ser genérico e teria sido imposto a ele o trabalho como algo inato à sua natureza humana. O sistema capitalista tentou condicioná-lo a encontrar na atividade produtiva a possibilidade de desenvolvimento pessoal – diferentemente do que sempre havia ocorrido na história humana em que o homem se reconheceu na comunidade, perante o outro. Restou ao homem, portanto, apenas o trabalho como forma de encontrar suas fontes de identidade e de pertencimento social, as atividades plenas de sentido pelas quais poderia angariar a estima dos outros e a sua própria (GORZ, 2007. P.104). Contudo, a “Matrix” apresentou falhas e o sistema acabou mostrando sinais de desgaste, de contrariedade.

Faz-se pertinente esclarecer que não existe nesta análise um determinismo econômico, mas a certeza de que por trás dessas mudanças estão as práticas sociais que se desenvolveram



neste período. Práticas essas que foram sendo ressignificadas num processo dialético em que os indivíduos foram condicionando e condicionados pelos seus próprios atos, pensamentos e sentimentos, o que acabou colocando o trabalho como a centralidade da vida humana, como o resultado de um processo cultural dinâmico.

Miège (2009) define bem este processo quando dialoga sobre a questão da dupla mediação entre a técnica e o social no que tange a construção dessa nova temporalidade que se apresenta. O autor, refutando qualquer determinismo tecnológico, chama a atenção para a necessidade do estudo do “enraizamento social” derivado da presença das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Com este pano de fundo, a questão da condição de *animal laborans* a qual o homem esteve dominado durante a Modernidade capitalista, associada à característica latente do ser humano reconhecer-se como ‘ser único’ e ao mesmo tempo um ‘ser social’, em que a alteridade é condição *sine qua non* para sua plenitude da condição humana (ARENDRT, 2009), fica evidente que a liquidez por quais os valores contemporâneos estão passando tem características muito peculiares: a do resgate do primitivo, da volta à comunidade, do hedonismo como forma de desvencilhar-se do adiamento do prazer; a busca da felicidade está no presente e não mais no futuro.

Essas mudanças de paradigmas encontraram nas técnicas de comunicação um grande amplificador. As mídias digitais, de características horizontais, fazem com que os receptores deixem de ser um ‘recipiente vazio’ para se tornarem sujeitos ativos na comunicação, seres também participativos e co-produtores da mensagem que está sendo veiculada; eles estariam criando uma alternativa ao motor do sistema hegemônico (VATTIMO, 2008).

Todavia, mais do que deixar de ser um agente passivo, os sujeitos da contemporaneidade se apropriam das redes digitais para buscarem a sua condição de intersubjetividade usurpada. Eles encontram nas redes o subterfúgio para colocarem em prática sua socialidade, em que se reúnem em forma de tribo para suprirem a carência da alteridade (LEMOS, 2002), porém, marcados mais pela lógica da identificação do que da identidade (MARTÍN-BARBERO, 2007).

O panorama que se apresenta, talvez, seja a explicação pela corrida desenfreada às lojas para a compra de possibilidades tecnológicas que facilitem a conectividade como o iPad, o iPhone ou o próximo lançamento que está por vir. Talvez, também, seja isso que explique que as redes sociais se tornaram hoje as páginas mais acessadas pelos internautas brasileiros. Contudo, definitivamente, o estudo exploratório aqui apresentado não é suficiente para consolidar um pensamento sobre a condição da temporalidade pós-moderna. Ele,

entretanto, pode dar indícios e apresentar tendências de uma instabilidade entre os valores alicerçados desde então como se pode comprovar factualmente com o surgimento do Movimento Devagar ou campanhas publicitárias como a da General Eletric, cujo slogan é “o mais importante do que ter, é viver”; tudo isso em contraponto às organizações que ainda estariam balizadas exclusivamente na lucratividade para gerirem seus negócios.

Pela comunicação, ao instaurar o comum por meio da alteridade, a sociedade construiu um novo estar-junto, ressignificou seu imaginário, criou novas práticas de sentido, para vivenciar novos vínculos que se formaram e se constituíram nesta nova cultura. Foi esse novo social que definiu o trabalho como centralidade da vida humana na Modernidade capitalista e é ele mesmo que tem dado outro significado ao trabalho na contemporaneidade, deslocando-o para o papel de mais uma entre outras atividades do humano.

O trabalho é chamado a tornar-se uma atividade entre as outras, tão importante ou mesmo mais importante que ele. A ética do livre desenvolvimento das individualidades, que Marx pensava poder situar no prolongamento de uma vida de trabalho cada vez menos coercitiva e cada vez mais estimulante, essa ética exige e implica hoje que, no lugar de identificar-se a seu emprego, os indivíduos dele se afastam, desenvolvem outros centros de interesse e outras atividades, inscrevem seu trabalho remunerado, seu ofício, em uma visão multidimensional de sua existência e da sociedade. As atividades de fins econômicos é apenas uma de suas dimensões, de importância, aliás, decrescente. (GORZ, 2007, p.104)

A questão que se coloca agora é para onde se está indo? Qual o valor está por trás dessas mudanças que estão ocorrendo dentro da temporalidade pós-moderna? Seriam elas mais uma adequação do sistema capitalista, assim como outras tantas que já ocorreram nos últimos três séculos, ou seriam, desta vez, reais valores que estariam se formando em busca da plenitude da condição humana, como defendida por Arendt (2009)?

No papel de profissionais de comunicação e de pesquisadores da temporalidade contemporânea, mais do que tentar realizar previsões sobre um possível caminho que esses vínculos sociais estejam tomando entre as mutações que estão ocorrendo, cabe analisá-los para que se possa ter um entendimento sobre a sua durabilidade. Talvez Vattimo (1992) esteja com a razão e esta sociedade que se mostra “mais transparente, mais consciente de si,

mais iluminada e mais complexa”, por mais que pareça caótica, esteja caminhando para o fim de uma hegemonia sistêmica que já não atende às utopias criadas por ela mesma.

É por isso que as indicações e reflexões até aqui apontadas sugerem a pertinência da hipótese colocada no presente trabalho. Deste modo, buscou-se apresentar que a comunicação estaria ressignificando e evidenciando todo o processo cultural da Pós-Modernidade, proporcionando aos sujeitos novos caminhos, novas possibilidades que estariam por redefinir a centralidade da vida humana. Essa condição do estar-junto social ressignificado, com uma pluralidade de valores em mutação, apóia processos de reconfiguração do sentido do trabalho. Se isso é válido, a centralidade da vida humana se torna a questão chave da contemporaneidade.

## Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Revista Educação & Sociedade. Vol. 25, n.87, p.335-351, mai/ago.2004. Disponível em <[www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>

ARENDT, Hanna. A Condição Humana. Trad. de Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida. Palavra e Discurso: Literatura e História. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem. 9 ed. São Paulo: Anablume, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003A.

\_\_\_\_\_. Comunidade - a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003B

BAUDRILARD, Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70; 1995.

BERARDI, Franco. A Fábrica da Infelicidade - trabalho cognitivo e a crise da new company. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. IN: Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas. NETO, Antônio Fausto et al.(org). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001

CASTELLS, Manuel. A era da Intercomunicação. Le Monde Diplomatique, 2006. Disponível em <<http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379/>>. Acessado em 07.ago.2010

\_\_\_\_\_. A Sociedade em Rede – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Volume I – 7ª Edição totalmente revista e ampliada. Ed. Paz e Terra. São Paulo: 2003.

CHANLAT, Jean-François. O Indivíduo na Organização – Dimensões Esquecidas Volume I. Ofélia de Lanna Sette Tôrres (Org. Brasileira). Atlas. São Paulo: 1996.

CURVELLO, João J. Azevedo. Caminhos para uma Nova Comunicação Interna. Edições Ação Comunicativa.PRO. Brasília, 2005. Disponível em <<http://acaocomunicativa.pro.br>>.

DAL ROSSO, Sadi. Mais Trabalho! A Intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DI FELICE, Massimo (Org.) Do Público para as Redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

FIGARO, Roseli A. Atividade de Comunicação e Trabalho. Revista Trabalho, Educação e Saúde. Fiocruz, v.6 n.1 mar/2008. Disponível em <[www.revista.epsjv.fiocruz.br](http://www.revista.epsjv.fiocruz.br)>.

FREITAG, B. Piaget: encontros e desencontros. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1999.

GORZ, André. Metamorfoses do Trabalho – Crítica da Razão Econômica – 2ª edição. São Paulo: Anna Blume, 2007.

GURLEY, John G. Desafios do Capitalismo. Tradução: Anna Maria Capovilla. São Paulo: Brasiliense, 1977.

HABERMAS, Jürgen. Passado como futuro. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. Teoría de la acción comunicativa. Tomos I e II. Madrid: Taurus, 1992.

HARVEY, P. The Condition of Post Modernity: an Inquiry into the origins of cultural changes. Nova York: Basic Books, 1989.

HONORÉ, Carl. Devagar: como um movimento internacional está desafiando o culto da velocidade. Rio de Janeiro: Record: 2005.

KRISIS, Grupo. Manifesto contra o trabalho. In: Cadernos do Labor, No 2, Departamento de Geografia Urbana, FFLCH/USP, 1999.

KUMAR, Krishan. Da sociedade pos-industrial a pos-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997

LEMOS, André. Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. A Emergência do CyberSpace e as Mutações Culturais. Palestra proferida no Festival Usina de Arte e Cultura. Porto Alegre: 1994.

LYON, David. Pós-Modernidade. São Paulo: Paulus, 1998.

MAFESOLLI, Michel. O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MANCEBO, Deise. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. In: Estud. psicol. (Natal), Natal, vol. 7, n. 2, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200013&lng=pt&nrm=iso)>

MANZINE-COVRE, Maria de Lourdes. Alta Modernidade, sujeito-em-constituição e cidadania. In: MANZINE-COVRE, Maria de Lourdes (Org.) Mudanças de Sentido, Sujeitos e Cidadania. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De Los Medios a Las Practicas. In: GOMEZ, Guillermo Orozco (Cord.). La Comunicacion desde Las Practicas Sociales: reflexiones em torno a sua investigación. México: Universidad Iberoamericana, 1990.

\_\_\_\_\_. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.) Sujeito, o lado Oculto do Receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. Dos Meios às Mediações. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos. Revista Novos Olhares, São Paulo, n.20, p.4-9, jul-dez. 2007.

MARX, Karl. O Capital – Crítica da Economia Política. Livro 1: O processo de produção capitalista. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. Manuscritos Econômico-Filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1993.

MIÈGE, Bernard. A Sociedade tecida pela Comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Paulus, 2009.

MORGAN, Gareth. Imagens da Organização. Atlas. São Paulo: 1996.

NASSAR, Paulo. Comunicação Estratégica, um Conceito em Evolução. In: Comunicação Interna – A força das Empresas, Vol. 2. São Paulo: ABERJE, 2005.

OURIQUES, Helton R. & VIEIRA, Pedro A. Elementos para uma Crítica da Centralidade do Trabalho. Revista Pesquisa e Debate, SP, vol. 17, No2, p.149-172, 2006.

PARENTE, André. Enredando o Pensamento: Redes de Transformação e Subjetividade, In: Tramas da Rede – Novas Dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. André Parente (Org.). Ed. Sulina. Porto Alegre: 2004.

SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, L. Trabalho & Ergologia. Rio de Janeiro: Eduff, 2007.

SENNET, Richard. A Corrosão do Caráter. – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalism. Record: Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. A Cultura do Novo Capitalismo. Record: Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Juremir Machado. As Tecnologias do Imaginário. Ed. Sulina, Porto Alegre: 2006.

SODRÉ, Muniz. O objeto da comunicação é a vinculação social, in: Entrevista/Revista PCLA. Rio de Janeiro: N.1 p.s/n: 2001. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>>.

\_\_\_\_\_. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre a Episteme Comunicacional. Matrizes, São Paulo, Ano 1, n.1, p. 15-26, jul-dez.2007.

SOUSA, Mauro Wilton de. Novas Linguagens. São Paulo: Ed. Salesiana, 2a edição, 2003A.

\_\_\_\_\_. O Comum mediático e o pertencimento nas práticas de recepção em comunicação. Revista Novos Olhares, São Paulo, n.11, p.34-45, jan-jun.2003B

\_\_\_\_\_ (Org.) Recepção Mediática e Espaço Público: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. Teoria da Comunicação e gestão simbólica de processos organizacionais. In KUNSCH, Margarida (Org.). Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. A Recepção Mediática e a perspectiva da "dupla mediação". Revista Significação, São Paulo, n.32,p.81-97, jan-jun.2009

VATTIMO, Giani. A Sociedade Transparente. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

\_\_\_\_\_. Entrevista. Revista MSG. São Paulo: ABERJE, n.1, p.16-25, Ano1, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. VIDAL-NAQUET, Pierre. Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga. Campinas: Papirus, 1989.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## Referências Jornalísticas

ALBORNOZ, Suzana. O trabalho na Balança de Valores. Revista Cult, No 139, Ano 12, p.46-48, set/2009.

ARMOUR, Stephanie. Generation Y: They've arrived at work with a new attitude. USA Today, Money, 11.jun.2005. <[http://www.usatoday.com/money/workplace/2005-11-06-gen-y\\_x.htm](http://www.usatoday.com/money/workplace/2005-11-06-gen-y_x.htm)>. Acessado em 28.fev.2010

BRANDÃO, João Baptista. Professor da FGV explica a geração Y. Portal IT Web. Disponível em <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=48474>>. Acessado em 23.jul.2010

DA REDAÇÃO. Gênio, sim. Do Mal? Disponível em:

<<http://blogs.estadao.com.br/link/genio-sim-do-mal/>>. Acesso em 30.mai.2010.

FOLHA DA NOITE. 142 Indústrias de São Paulo estão paralisadas pela greve. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_30mar1953.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_30mar1953.htm)>. Acesso em 23.mai.2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. Espelho do Mundo. Folha de São Paulo, 23.mai.2010. Editoriais, p. A2.

GEEK. Empresa australiana cria roupas para usar iPad. Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI4455181-EI12882,00-Empresa+australiana+cria+roupas+para+usar+com+iPad.html>>. Acesso em 30.mai.2010.

JUSTUS, Paulo. Constituição pode incluir o direito de ser feliz. Brasil Econômico, São Paulo, 29.mai.2010, Brasil, p.12.

KUBO, Nobuhiro; HACK, Jens. Fãs fazem fila para comprar iPad em seu lançamento internacional. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/742183-fas-fazem-fila-para-comprar-ipad-em-seu-lancamento-internacional.shtml>>. Acesso em 30.mai.2010.

LOBATO, André. Jovens imediatistas assusta gestores. Folha de S. Paulo. 28.fev.2010. Caderno Empregos, p.2.

NOMURA, Carolina. Conheça a Geração Z: ainda mais antenados que a Y, jovens têm dificuldade para achar o foco. Disponível em <<http://economia.ig.com.br/carreiras/conheca+a+geracao+z/n1237745110115.html>> Acesso em 11.ago.2010.

PRESCOTT, Roberta. Geração Y vai dominar a força de trabalho. Portal IT Web. Disponível em <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=48473>>. Acessado em 23.jul.2010.

\_\_\_\_\_. Imersa em Tecnologia, a geração Y desafia TI. Portal IT Web. Disponível em <<http://www.itweb.com.br/noticias/index.asp?cod=49283>>. Acessado em 23.jul.2010.

REUTERS. A manhã em que o iPad estreou. Disponível em:

<<http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/a-manha-em-que-o-ipad-estreu-03042010-6.shl?2>>. Acesso em 01.jun.2010.

ROCHA, Márcia. Impacientes, Infieis e Insubordinados. Exame. Disponível em <<http://portal.exame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0914/gestaoepessoas/m0154779.html>>. Acessado em 23.jul.2010.

SOARES, Pedro. Vale corta 37% de seu investimento neste ano. Folha de S. Paulo, São Paulo, 22.mai.2009. Dinheiro, p. B3.



## Internet

Campanha Publicitária GE. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YFxBncAf8>>. Acesso em 26.jun.2010.

JOBS, Steve (parte 1). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yplX3pYWIPo>>. Acesso em 30.mai.2010.

JOBS, Steve (parte 2). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=ksoo-G\\_YB2o](http://www.youtube.com/watch?v=ksoo-G_YB2o)>. Acesso em 30.mai.2010.

Site ADNews. Disponível em: <[www.adnews.com.br/publicidade/102528.html](http://www.adnews.com.br/publicidade/102528.html)>. Acessado em 04.jul.2010.

Site Felicidade Interna Bruta. Disponível em: <[www.felicidadeinternabruta.org.br](http://www.felicidadeinternabruta.org.br)>. Acesso em 01.jun.2010

Site Ibope. Disponível em <<http://www.ibope.com.br>>. Acessado em 23.jul.2010

Site Visão Futuro. Disponível em: <[www.visaofuturo.org.br](http://www.visaofuturo.org.br)>. Acesso em 01.jun.2010.

## Filmes

WACHOWSKI, Andy e WACHOWSKI, Larry. **Matrix**. EUA: DVD, 136 min, 1999.

WACHOWSKI, Andy e WACHOWSKI, Larry. **Matrix Reloaded**. EUA: DVD, 138 min, 2003.

WACHOWSKI, Andy e WACHOWSKI, Larry. **Matrix Revolutions**. EUA: DVD, 129 min, 2003.

## Anexo

### I - Estudo Exploratório: Dimensões do Trabalho

Este questionário tem finalidade acadêmico-científica. Os resultados aferidos serão publicados, sem identificação dos respondentes, como parte da dissertação de mestrado na USP. Por favor, envie suas respostas para o e-mail: [usp.pesquisa.mestrado@gmail.com](mailto:usp.pesquisa.mestrado@gmail.com).

#### Questionário

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Gênero: ( ) Fem. ( ) Masc. Estado Civil: \_\_\_\_\_

Filhos? ( ) Sim ( ) Não Se sim, informe a(s) idade(s) \_\_\_\_\_

Idade que começou a trabalhar: \_\_\_\_\_ Empresa atual: \_\_\_\_\_

Tempo nesta empresa: \_\_\_\_\_ Cargo: \_\_\_\_\_ Gestor de pessoas? ( ) Sim ( ) Não

1. A atividade que você realiza em seu atual trabalho é condição fundamental para a sua felicidade?

( ) Sim ( ) Não Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Enumere 1 a 5 as afirmações abaixo em ordem de prioridade para você (coloque 1 para o mais importante e 5 para o de menor relevância):

- ( ) Prazer pessoal pelo exercício do trabalho
- ( ) Reconhecimento pessoal por familiares e amigos
- ( ) Reconhecimento financeiro (salário, benefícios, etc.)
- ( ) Prazer pessoal fora do trabalho
- ( ) Reconhecimento social pelo trabalho que desempenho

3. O que seria uma comunicação ideal entre empresa e funcionários? Explique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Priorize os critérios mais relevantes para você mudar de emprego. Preencha os campos de 1 a 5, sendo 1 para o mais importante e 5 para o de menor relevância.

- ( ) Proposta financeira mais atraente
- ( ) Falta de reconhecimento por colegas e gestores
- ( ) Falta de prazer com a atividade que realiza
- ( ) Incompatibilidade com os valores praticados pela empresa
- ( ) Busca por um novo desafio profissional

5. Qual o sentido do trabalho para você?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Assinale a alternativa que melhor complementa a sentença: “O meu salário é...”  
 em si mesmo a razão da minha realização pessoal.  
 fundamental para proporcionar condições para a minha realização pessoal.  
 não é fundamental para a minha realização pessoal.
7. Quais atividades que realiza fora do horário de trabalho que lhe dão mais prazer?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
8. Escolha a opção que melhor diz sobre os seus hábitos sociais em momentos de lazer:  
 a maioria das pessoas com quem me relaciono conheci no ambiente de trabalho.  
 a maioria das pessoas com quem me relaciono conheci em diferentes grupos da vida social.  
 a maioria das pessoas com quem me relaciono conheci pela internet.  
 prefiro atividades individuais em meus momentos de lazer.
9. Você é a favor do aborto?  
 Sim  Não Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
10. Escolha a opção que melhor representa sua filosofia de vida:  
 o importante é ser feliz hoje.  
 o importante é lutar pelo amanhã.
11. A religiosidade é importante para a sua realização pessoal?  
 Sim  Não Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
12. Assinale “V” para verdadeiro ou “F” para falso nas sentenças abaixo:  
Utilizo os blogs para debater temas do meu interesse.   
As informações veiculadas pela TV são confiáveis.   
Mantenho-me informado principalmente pela internet.   
Participo de redes virtuais de relacionamento.   
Propagandas em TV e rádio são determinantes para minha decisão de compra.   
Redes virtuais de relacionamento são fontes confiáveis de informação.   
Mantenho-me informado principalmente pela mídia impressa.
13. O modelo tradicional de família (pai, mãe e filhos) está superado na sociedade contemporânea. Você concorda?  
 Sim  Não Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14. A sociedade contemporânea é marcada pela diversidade sexual. Assinale uma sentença abaixo:
- ( ) concordo com a afirmação e respeito a diversidade sexual.
  - ( ) não concordo com a afirmação e não respeito a diversidade sexual.
  - ( ) não concordo com a afirmação, mas respeito a diversidade sexual.
  - ( ) concordo com a afirmação, mas discordo da diversidade sexual.